

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, EURICO DUTRA e E. J. PINTO

N.º 113

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1923

Anno X

EDITORIAL

A evolução que se operou durante este ultimo decennio na sciencia chimica, principalmente no que concerne á sua applicação militar, trouxe como consequencia inilludivel, para as nações que prezam a sua independencia e a sua integridade, a necessidade imperiosa de cuidarem com carinho da organização systematisada desse poderoso elemento de guerra.

O formidavel e generalizado emprego dessa arma durante a grande guerra, a despeito da prohibição taxativa consignada na convenção de Haya, servio para demonstrar ao pacifismo incauto e lyrico que, quando uma nação sente a sua honra e a sua integridade ameaçadas, não pôde hesitar um só momento em despir a mascara philanthropica usada no carnaval diplomatico do tempo de paz, sob pena de morrer asphixiada e deshonorada.

Do valor que então foi dado á clausula prohibitiva da convenção de Haya, pôde-se inferir o valor que terá um dispositivo semelhante contido no tratado de Versailles, tanto mais que desta vez as principaes nações signatarias deste tratado só enfiaram meia mascara, pois, antes mesmo de estar bem enxuta a tinta com que o assignaram, trataram de organizar, com fortes dotações de meios, uma aparelhagem chimico-militar sob o rotulo de *serviço de protecção contra os gazes*.

O que se está passando com este serviço chimico defensivo é o mesmo que se passou com a evolução do poder defensivo das couraças. Conseguida uma couraça capaz de resistir á acção destruidora do mais poderoso canhão existente, era logo ensaiado o fabrico de um outro canhão capaz de destruir aquella cou-

raça. E é importante notar que, enquanto a couraça consumia longo tempo para se sobrepôr ao mais aperfeiçoado canhão, este em curtissimo prazo adquiria forças para destruir a mais robusta couraça.

Assim, toda vez que fôr obtido um meio de defesa chimica capaz de neutralisar a acção dos mais poderosos toxicos de guerra, os proprios descobridores desse meio, para maior segurança, tratarão de procurar um elemento offensivo capaz de zombar da acção defensiva da propria descoberta.

E como, pela lei natural das coisas, a destruição é sempre mais facil do que a conservação, pôde-se garantir *a priori* que a acção destruidora sobrepujará sempre a acção conservadora dos elementos chimicos de guerra.

Eis, em ultima analyse, o que representa a meia mascara vestida pelo tratado de Versailles e colorida pelo *serviço de protecção contra os gazes*.

Os que acreditam platonicamente na phraseologia diplomatica poderão lamentar que assim seja, mas os que, em se tratando da defesa nacional, fazem abstracção do lyrisimo impenitente e só acceitam as realidades praticas e moraes, esses só poderão louvar a patriotica previdencia das nações que assim cuidam de sua defesa, lamentando apenas que não o façam todos, sem rebuços, como os Estados Unidos da America do Norte, que mantêm esse serviço, ás escancaras, com o seu verdadeiro rotulo:

«Serviço Chimico de Guerra.»

Estas considerações vem a proposito da gravissima falha de que, a este respeito, se resente a aparelhagem da nossa defesa militar. E' verdade que, sob qual-

quer aspecto, não ha como encobrir a grande deficiencia dessa aparelhagem, mas sob o ponto de vista chimico a ausencia é absoluta.

E' tempo, e é mesmo urgente que se cuide deste assumpto.

Alem disso, é preciso salientar que qual-quer sacrificio que a nação faça com a creação de um serviço chimico de guerra, será fartamente compensado, não só pela maior segurança da sua defesa, como tam-bem pelo immenso beneficio que um tal serviço proporcionará ao desenvolvimento paralelo de uma infinidade de industrias civis.

Na these apresentada ao «1.º Congresso Brasileiro de Chimica», sob o titulo: «A chimica, nova arma de guerra», pelo te-nente-coronel Alvaro de Béthencourt Car-

valho, professor de physica e chimica do Collegio Militar do Ceará, e unanimemente approvada por esse Congresso, o autor, que é um dos raros profiisioaes brasileiros devotados a este assumpto, faz estudo succinto, mas nitido e vigo-roso, dos differentes aspectos sob os quaes a organização desse serviço virá cooperar para o engrandecimento indus-trial do paiz, alem de proporcionar ele-mentos preciosos para a sua defesa militar.

Aliás este é um assumpto sobre o qual não póde haver controversia.

Aliás é este um assumpto sobre o qual sob todos os pontos de vista, uma ne-cessidade brasileira, e a sua creação ficará seguramente assignalada entre os mais notaveis serviços que a alta administração da guerra possa prestar á nação.

SOBRE A REFORMA DO ENSINO MILITAR (1)

Até certa época. 1905, os nossos estu-dos militares sofriam de grave anomalia orgânica, com a parte verdadeiramente profissional asfixiada pela cultura havida enciclopédica: estudava-se matemática á fundo, sem muitas vezes saber «partir a fundo» na escola rudimentar das armas brancas; a táctica era ostensiva-mente eclipsada pela física e até pela sociologia; compravam-se custosos e in-teressantissimos especimens para estudo completo da gestação, sem um modelo siquer das pólvoras novas, dos projecteis modernos, do coiracamento em uso por toda a parte; emfim, preparavam-se arro-gantemente legítimos bachareis de farda, com fidalga entrada em todos os centros intellectuais do país e do estrangeiro. Então, honra e glória era ser alferes-aluno, o primeiro e invejado posto da hierarquia na actualidade.

Fui dos primeiros escritores profiisio-nais a combater convencido o errado sis-tema em prática: *O Soldado*, revista mi-litar de 1893, bem o demonstra. Outros batalhadores surgiram logo depois, de valia bem mais notória, e por 1905 reformava-se o ensino militar, de ma-neira a satisfazer as mais justas exigên-cias já lembradas.

Não exagero.

O regulamento de 1905 é quasi per-feito: separa da teórica ou fundamental a parte verdadeiramente prática, de es-pecialização, ou profissional, justissima aspiração de todos os tempos, dando áquella o propedêutico desenvolvimento e a esta a possível extensão militar; guinda á legítima posição as doutrinas verdadei-ramente técnicas, levando ao segundo plano a cultura enciclopédica dos últimos anos da monarquia e dos primeiros da república, soerguendo como deve os ensinamentos profissionais mais interes-santes; acaba de vez com o bacharel fardado, sem ferir, de leve siquer, ao profissional erudito; equilibra superior-mente a teoria e a prática, criando ao mesmo passo o official combatente e o técnico; é, em suma, construcção irre-preensível, perfeita quasi. O obreiro que a planeou era de envergadura não vulgar. Contém, é verdade, alguns de-feitos; mas pequeninos, de obra humana. Sem querer ir mui longe, basta assimilar o estudo da estratégia logo no 1.º ano do curso geral e a ausência da astronomia de campanha no 1.º do de engenharia.

Mas nós brasileiros somos dos extre-mos: ou tudo ou nada. Sem querer expe-rimentar a grande obra, traçada por mão de mestre, e destinada a produzir resul-

(1) Ortografia adoptada: a official portugueza.

tados dos mais benéficos, fomos logo ás do cabo. E em 1913, quando aquella planta majestosa apresentava ao exército seus primeiros frutos — selecta turma de treze rapazes, hoje, sem uma excepção siquer, dos mais distintos capitães de todas as armas, a obra do sábio, varrida pela nortada, soffria fortissima acutilada, que a prostrou de vez. Substituíram-na por outra contendo todos os excessos, mas em sentido contrário, das construcções anteriores. Saíamos assim de um excesso para outro: cabisbaixos do excesso teórico, com entrada arrogante no excesso prático. E deu-se corpo e vulto á maléfica doutrina da asfixia da cultura scientifica no seio do exército: porque desde logo se odiou a mecânica e o cálculo, a física e o direito, a química e a economia politica. A propria balística, a mais militar de todas as doutrinas, porque o soldado em última análise é o tiro, foi tida e havida por matéria civil, e como tal considerada para todos os effeitos!

A prática era tudo, nada cabendo á cultura verdadeiramente propedêutica — a scientifica.

Como se a prática não fosse sensata applicação do que a sciência nos ensina!...

Resultado condenavel, porque desanimador: o nivel mental do exército, tão alevantado em o alvorecer do século, baixou até onde não mais possivel. Só se pensa agora no official combatente, á custa exclusiva da cuidadosa leitura de regulamentos. O técnico, o official de gabinete, está sem valia alguma. De hoje a poucos anos não mais teremos profissionais para as nossas fábricas e arsenais; não mais saberemos projectar uma ponte ou um canhão; não mais nos será possivel determinar com rigor a posição de um ponto importante.

Qual o official que em meio á errônea especialização actual, se meterá, por conta própria, a estudar latitude e longitude, pólvoras e artificios, ferro e máquinas?

Uma vez que só a leitura e a prática dos regulamentos podem dar merecimento, todos a tanto se atiram convencidos. E o técnico morrerá de inanção. Nada mais humano. Se quizessemos hoje dar existência á extinta Comissão técnica militar consultiva, que tantos benefícios nos prestou com Luz, Borges Fortes e Pedro Ivo, lutariamos porventura com

invencíveis difficuldades: porque, a falar com franqueza, só o serviço de tropa nos tem prendido a atenção nestes últimos anos.

Urge emendar em tempo a mão, voltando, não ao sistema teórico de 1890, mas ao eclético regimen profissional de 1905, que, com sensatas modificações, poderá produzir magníficos resultados.

A cultura prática complementar, antes especial, tem que ser ministrada após a educação teórica indispensavel. O técnico deve ter tanto valor quanto o official combatente: porque um e outro se auxiliam e se completam nos grandes feitos militares.

E, para apurar quanto possivel o corpo de officiais, esteio legitimo dos exércitos bem organizados, é preciso facilitar a entrada na escola militar aos moços das mais distintas famílias, dificultando quanto necessario a acquisição de elementos duvidosos. Eis dois erros graves de passadas administrações:

- 1.^a dispensa do exame vestibular;
- 2.^a infeliz exigência da caderneta de reservista.

Aquella arrasta consigo mau preparo fundamental; esta afasta do exército moços dos mais dignos, que um dia podiam honrar, engrandecendo-as, as armas combatentes.

Se os meninos dos colégios militares sofressem á entrada na Escola, justo exame vestibular, elles sem dúvida se apresentariam ao exército em melhores condições intellectuais. E aquellas notáveis casas de ensino subiriam de ponto, com o aperfeiçoamento consequente dos pectivos cursos. Só em um caso se pôde a compreender a dispensa de tal exame — com a instituição, que parece acerta-dissima, do curso annexo, actualmente promissor ensaio no Realengo. No caso contrário, nunca.

Quanto á infeliz exigência de alguns meses de serviço arregimentado, mesmo para os reservistas de segunda categoria, essa medida ingênua trouxe no bojo grande malefício profissional: porque afastou das fileiras do exército moços dos mais distintos que aí entrariam pela porta larga da escola, mas que nem á mão de Deus padre se abalançariam ao portão estreito do regimento, em contacto com elementos não devidamente se-

leccionados, sobretudo em época perigosa da vida.

Sinteticamente, que o tempo foge e o espaço falta:

Um regulamento que separe a parte teórica da prática, esta subordinada àquela; que dê ao lado doutrinário, por fundamental, acertado desenvolvimento; que institua um só curso geral para todas as armas, especializando-as depois praticamente; que institua o curso técnico de artilharia e também o de engenharia; que exija exame vestibular para todos os candidatos; que dispense, por nociva, a ingênua exigência da caderneta de reservista, não exigida, nem mesmo agora, dos alumnos dos colégios militares; que cuide quanto possível da educação do

coração, fecho da cúpula em todo o edificio educacional; um regulamento, como êsse que apresentou ao estado maior o Sr. General J. J. Firmino, virá prestar ao exército em organização serviço de valor inestimável.

Quem estas linhas traça esperançado, para atender ao honroso apelo que se lhe fez gentil, não é louco visionário, em desserviço á classe nobre; mas obreiro modesto que sua vida há dedicado, quasi inteira, á educação racional dos moços de hoje, sobre cujos ombros deve repousar amanhã o sólido edificio do exército nacional.

Rio, 1.º de Fevereiro de 1923.

CORONEL LIBERATO BITTENCOURT.

Serviços da Intendencia Militar do Exército Brasileiro

Legalmente autorizado pelo Congresso, o Poder Executivo expediu o Decreto n. 14.385 de 1 de Outubro de 1920 que organisou o Serviço de Intendencia da Guerra no Brasil, discriminando-lhe as principaes attribuições, tanto na paz, como na guerra. No primeiro destes periodos, tem-se naturalmente em vista a organização e a preparação methodicas dos Serviços que, no segundo, devem funcionar sem falhas notaveis.

E' um aphorismo incontestavel de toda a boa administração militar que *esta não deva differir radicalmente, na paz, daquella que, na guerra, se terá de praticar*. Apenas os Serviços correspondentes variarão de intensidade, porque a realização das previsões dos planos de operações, como a das correntes dos transportes de provisões e de evacuações, reclamadas pela satisfação das enormes necessidades dos Exercitos em campanha, apresentam proporções e urgencias que exigem esforços e sacrificios gigantescos da parte dos Serviços Administrativos ou Provedores. E', porém, na paz que se instrue, com antecedencia e calma sufficientes, o pessoal que tem de organizar, dirigir e executar todos os serviços technicos e especiaes de qualquer ramo da Administração Militar. Com os elementos, órgãos e material á sua disposição, este pessoal se treina e se familiariza, em continuos exercicios, com suas

funções; de sorte a se tornar capaz de convenientemente desempenhar seu importante papel, no momento em que a Patria tenha de lhe exigir qualquer sacrificio.

Eis porque o alludido Decreto de 1 de Outubro de 1920 assignala, entre os primeiros deveres da Intendencia da Guerra, a constituição, *desde o tempo de paz*, do seu pessoal de actividade e de reserva; a preparação e mobilisação deste pessoal e do material correspondente; a formação, conservação e renovação das reservas de guerra em viveres, forragens, fardamento, equipamento, arreamento, material de acampamento, combustiveis e até em meios de transportes, etc., como a organização e preparações detalhadas do complexo Serviço de Reabastecimento Nacional que é, por excellencia, o grande e verdadeiro fornecedor dos Exercitos em campanha.

A necessidade desta especialisação de funções em qualquer ramo da technica administrativa do Exército se acha mencionada em todos os nossos mais importantes Regulamentos Militares, como, por exemplo, R/S/C. e R/O/G/S/E. Sentida apenas, ella só tem sido até agora praticamente admittida até certo ponto nos Serviços de Saúde, Engenharia e Aeronautica; pois, até no do Material Bellico a especialisação se encontra ainda em embryão.

Os Serviços da Intendencia da Guerra, que directamente interessam a vida material da Nação em Armas e sem os quaes será tão impossivel sustentar qualquer campanha como quando faltem, aos soldados, munições para suas armas de guerra, não têm até hoje merecido a cuidadosa attenção dos illustres Camaradas de armas. Talvez resulte isto de nenhuma grande guerra ter ainda felizmente affligido a nossa amada Patria.

A guerra do Paraguay foi, sem duvida, uma luta heroica de nossos dignos antepassados; mas innegavelmente ella apenas apresentou o aspecto de uma grande peleja, travada á moda antiga, por limitados exercitos, sem a encarnação de todas as forças vivas das Nações empenhadas e que venceram sem o exgotamento de seus recursos economicos e financeiros, como sóe quasi sempre acontecer nos tempos hodiernos.

Agora, por exemplo, a velha Europa acaba de mostrar-nos o que é a guerra moderna.

Não se contam mais Exercitos que isoladamente se debatem nas fronteiras ou no interior de uma Nação; é esta toda inteira, utilizando todos os seus recursos economicos e financeiros, que se empenha numa luta formidavel de vida ou de morte!

Assim, pois, nosso Exercito da paz, embora minuscuro, deve ter, em germen, em estado potencial, todos os órgãos que o tornem capaz de, em momento dado, efficazmente enquadrar, sob as armas, a Nação inteira.

Por outro lado, no doce socego internacional em que nos achamos, nosso pequeno Exercito, com seus effectivos reduzidos e disseminados pelos centros ou cidades de maiores recursos do nosso vasto e rico territorio, sem que a probabilidade de uma mobilisação geral, sob a pressão de inimigo forte e aparelhado, venha arrancal-o da sua quietude relativa, não pôde realmente sentir maior falta dos verdadeiros Serviços de Intendencia da Guerra.

Sem mesmo bem avaliar da importancia destes, a sua despreoccupação chega a confundil-os com o simples serviço de contabilidade e gestão internas das massas nos Corpos de Tropa. Isto é tambem devido a somente este ultimo serviço estar, de ha muito, divulgado no seio de nosso Exercito.

Sem lhe obscurecer o valor, queremos aqui somente accentuar a differença que, entre elle e os Serviços de Intendencia da Guerra, existe.

Aquelle é um serviço proprio á economia interna dos Corpos de Tropa, não demanda conhecimentos especiaes de grande monta; pois é bastante estar ao corrente de nossa legislação militar, conhecer os regulamentos e modelos de escripturação, para não ser difficil manter em dia o estado financeiro de cada corpo ou unidade do Exercito.

Ao passo que os Officiaes de Administração devem ser profissionaes especialistas, technicos que conheçam, em seus menores detalhes, o valor alimentar de cada substancia nutriende, o modo de conserval-a, de transformal-a, etc.; como a maneira de confeccionar tecidos, calçados, etc.

Obrigados a fiscalisar, sinão a executar todas as confecções, quando collocados á frente das fabricas e estabelecimentos industriaes que o Governo pôde requisitar em caso de guerra, os Officiaes de Administração devem, além destes conhecimentos, ser tambem versados em todos os methodos e regras praticas de contabilidade, porque desta se incumbem nos Quartéis Generaes das grandes unidades em campanha.

Os Intendentes da Guerra não somente devem possuir estes mesmos conhecimentos, como dirigentes e fiscaes de todos os Serviços da Administração Militar, mas ainda são obrigados ao estudo da estrategia e da tactica dos reabastecimentos. Direito Publico, direito criminal, direito internacional, commercial, etc., economia politica e finanças, nada distelles pôde ser desconhecido, porque lhes incumbem a execução de requisições no Paiz e nos territorios conquistados, a administração destes e dos prisioneiros de guerra, etc.

Nada é mais simples do que alimentar grupos de mil e até de dois mil homens estabilisados em centros industriaes e commerciaes como acontece com os nossos actuaes regimentos.

Isto mais se accentua considerando o regimen das rações preparadas, que infelizmente só dá rendimento em tempo de paz.

Si, porém, considerarmos os enormes effectivos das grandes unidades em campanha, tudo mudará de face.

As difficuldades serão vultuosas e pre-visões assentadas por capacidades especialistas e treinadas no assumpto se tornam por certo, indispensaveis.

Outro tanto se poderá affirmar quanto aos fornecimentos de fardamento, arreiamento, calçado, material de acampamento, etc.

A descentralisação da administração militar em nosso immenso Paiz é uma coisa que se impõe, afim tambem de mais nos approximarmos daquillo que se pratica na guerra; pois, em campanha, cada exercito se administra separadamente.

A Intendencia da Guerra facilitará este *desideratum* na paz, pela creação dos seus Estabelecimentos Central e Regionaes de fardamento, equipamento e arreiamento, como pelos armazens de viveres e forragens do seu Serviço de Subsistencias.

Basta, pois, ampliar os poderes administrativos dos Commandantes de Regiões, quanto ás suas ordens de distribuições diversas aos corpos de tropa, para que estes corpos possam logo ser attendidos, dentro das possibilidades de occasião, com os supprimentos que suas necessidades reclamem.

O regimen das massas é de grande vantagem, mas torna-se indispensavel a attribuição de uma destas ao titulo das despezas diversas, afim de que parte da etapa do soldado não continue mais a ser distrahida para outros fins que não os relativos á alimentação de cada homem.

Este facto representa uma inverdade financeira, pois o Estado despende sempre mais do que realmente é necessario para alimentar cada soldado.

A parte estas criticas, que a actual instituição da Intendencia visa supprir pela organização e funcionamento completos de seus novos serviços, pode-se, em rigor, dizer, com certa logica, que, em tempo de paz e considerando nosso pequeno Exercito, apenas como força policial da União, distribuida por limitados contingentes quasi estábilisados, realmente será possivel abastecer-o, como effectivamente tem acontecido até bem pouco, sem a existencia de um verdadeiro Serviço de Intendencia da Guerra.

Não é todavia, somente para fins policiaes, exigidos pela manutenção da ordem interna, que nossa Patria mantem

um Exercito, cujo principal destino é apresentar-se sempre em estado de poder enquadrar toda a Nação em armas, logo que esta presinta sua honra, dignidade, independencia ou integridade ameaçadas por qualquer perigo externo.

Disto resulta então a necessidade em que se está de manter um Exercito com todos os seus Orgãos e Serviços que, embora rudimentares, conservem-lhe o potencial capaz de permittir na occasião precisa, dar-lhe a pujança conveniente pela mera incorporação de reservistas.

Declarada a guerra, a mobilisação geral do Exercito deve-se fazer na menor delonga possivel.

Nesta occasião, o numero de seus officiaes se multiplicará talvez por 10; o de homens e cavallos por 100 ou mais e as diversas organizações militares ou militarizadas analogamente se têm de multiplicar.

Como, pois, a Intendencia da Guerra que deverá prover as necessidades da Nação em Armas, no concernente aos reabastecimentos de viveres, forragens, fardamento, arreiamento, material de acampamento, combustiveis, etc., que terá de dirigir todo o escalonamento de stocks e correntes dos transportes destes reabastecimentos, como as das evacuações, de sorte a libertar os Commandos Superiores das Zonas de Guerra e do Interior de todas as preoccupações de uma tal ordem, como, dissemos, poderá a Intendencia da Guerra desempenhar tão complexas funções, aliás mencionadas em nossos regulamentos (R/O/G/S/E.), si ella não tiver existido, preparado previsões e funcção desde o tempo de paz?

Além destas pesadas attribuições, compete ainda á Intendencia da Guerra em campanha, a gestão financeira e a distribuição, sob as ordens do Commando em Chefe, de todos os creditos que o Governo concede a um Exercito em seu theatro de operações para o funcionamento dos seus varios serviços: Material Bellico, Engenharia, Intendencia, Saúde, Aeronautica, Automoveis, Comboios de Estradas, Caminhos de ferro, etc.

A previsão de receitas e despezas, a distribuição de verbas, a verificação de contas e da escripturação dos Corpos, tudo é controlado pela Intendencia.

O R/O/G/S/E. dá a responsabilidade e a direcção destes serviços, no Exer-

cito, a um General de Brigada Intendente da Guerra. Elle tem sob suas ordens directas Intendentes da Guerra, Officiaes e Tropas de Administração.

Os primeiros auxiliam-no em trabalhos de direcção e de fiscalisação; os segundos executam as ordens que emanam daquelles chefes.

Serviços tão complexos e de tanta importancia e responsabilidade devem ser organisados com muito methodo. Para a boa organização dos serviços é preciso, antes de tudo, que pessoal, meios de transporte, materiaes diversos e stocks de previsões se encontrem em seus logares, com toda a oportunidade, em vista do movimento ou estabilisação das tropas a reabastecer.

Quanto ao pessoal de não importa que Serviço, mas com especialidade o da Intendencia da Guerra, deve elle corresponder aos dois grupos de funcções: de *direcção* e de *execução* ou, como diz o Coronel Buchalet: funcções de conjuncto

e funcções de detalhe ou a cabeça e os braços da acção administrativa.

As grandes industrias e empresas commerciaes seguem este mesmo methodo de administração: Directores, Chefes, financeiros ou mestres technicos que organisam planos, architectam projectos, cuja execução é confiada a especialistas, operarios que executam ordens.

Tal é o principio que serve de base á formação do Corpo de Intendencia da Guerra, o qual se decompõe nos dois quadros: Quadro de Intendentes da Guerra e Quadro de Officiaes de Administração; o primeiro com as funcções de direcção e fiscalisação, o segundo com as funcções de execução e gestão. Naturalmente estas ultimas requerem o auxilio de um pessoal puramente manobreiro que é o das Companhias de Administração.

ABRILINO PINTO BANDEIRA,
Coronel Intendente da Guerra.

A INFANTARIA NA ENGENHARIA

Em artigo anterior sôb a mesma epigraphie, tive occasião de commentar disposições do Regulamento de Infantaria, não só para demonstrar a necessidade de um estudo afim de o adaptar á engenharia, como para demonstrar que elle era possivel de correcção mesmo em pontos applicaveis ás duas armas.

Apesar da nota de protesto que a illustrada redacção de «A Defesa» apôz ao meu obscuro artigo, eu não vejo motivo para retirar nenhuma das criticas alli exaradas, por mais que reflecta sobre estas e por maior desejo de me corrigir de erros commettidos. E a prova de que não eram sem fundamento algumas das objecções, temol-a palpavel deante da 2.^a edição desse regulamento (1.^a parte) e que acaba de ser distribuida aos corpos, obrigando cada um de nós á despesa de mais 1\$100, custo do novo exemplar. Assim, para citar apenas um dos pontos criticados — o do discurso de muitas palavras, para commandar a simples mudança de direcção de marcha — basta comparar os extinctos artigos 104 e 105 da primeira edição (1920) com os seus substitutos legaes 101 e 102 da segunda

e ultima edição (1922). E ainda me parece indispensavel accrescentar alguma coisa ao n.º 101 para que a conversão seja limitada sempre a 90º; o trecho correspondente do n.º 101 tomaria a seguinte redacção:

«Sempre que faltar o ponto de referencia acima mencionado, ou em forma-turas de exercicio e de ordem unida dentro das cidades, e se desejar fazer uma conversão, dar-se-á o commando direcção á direita (esquerda) — marche fazendo a indicação de accordo com o n.º 37, se o commandante da força estiver á frente. Se o commandante ou instructor não estiver em forma, á frente da tropa, deve-se comprehender que a voz de execução os primeiros elementos da columna farão uma conversão de 90º proseguindo a marcha em uma direcção perpendicular áquella em que vinham.

Parece melhor esta solução do que o commando «Em frente — marche» quando a testa da columna houvesse tomado a nova direcção pretendida.

Foi pena que a nova edição man-tivesse *in totum* as mesmas deficiências

e as mesmas disparidades da 1.^a edição, deixando de pé a critica feita quanto á instrucção da companhia e do batalhão. Assim que recebi o meu exemplar, procurei logo ler o n.º 188 e ainda notei que se não determinava o lugar do fiscal do batalhão: segundo as instrucções anteriores, deve elle collocar-se á direita do commandante e em posição symetrica á do ajudante; mas o facto é que a nova instrucção não diz (como não diz onde vae a Bandeira!) onde deve formar o fiscal — o que no meu tempo de alumno praça de pret costumava definir-se por uma *rata*...

Ha ainda pontos vulneraveis como os já apontados e que merecem immediato correctivo, pois estão dentro da alçada de qualquer sapateiro como eu quando defronte e analyse uma obra prima de Appelles...

A' fl. 163, para definir as formações do batalhão, estabelece o n.º 184:

d) A *columna por quatro*, formação normal de marcha a que o extincto regulamento chamava *columna de estrada*, denominação que o «novissimo» achou inconveniente manter...

c) A *columna de companhias* ou *columna de batalhão*, as companhias umas atrás das outras, em linha de pelotões por quatro.

b) A *linha de companhias*, as companhias umas ao lado das outras em linhas de pelotões por quatro.

a) A *columna dupla* (formação normal de reunião) as companhias em linha de pelotões por quatro (?!).

Francamente, a mim se me afigura um enigma a decifrar esta *columna dupla*, tal como a descreve o regulamento. Quer-me parecer que a *columna dupla* deva ser formada pelas companhias duas a duas, formando elementos da *columna*, mas não está alli esclarecido, como é preciso e imprescindivel.

Além disto, tratando-se de evoluções de ordem unida, não sei porque permitir-se a *columna* de companhias e não consignar a *columna* de pelotões e mesmo a de grupos. Ali houve o criterio do tudo ou nada; ou *columna* com elementos de companhia em linha de pelotões; ou *columna* por quatro!

A posição tambem da banda de musica, se houver, a da de corneteiros e

tambores, na ordem unida, não deve ficar á vontade e *conforme as ordens recebidas*, 10 passos á frente do commandante de batalhão ou 10 passos á retaguarda da ultima fileira da unidade que marchar na cauda (n.º 188); mas precisa ser definida (normalmente á frente) embora sujeita a outra posição, se o commandante entender de a modificar, mas, neste caso, mediante indicação de commando, tal qual como nas hypotheses — por exemplo — de determinar que a esquadra n.º 2 desfile pela esquerda da de n.º 1 para passar da *columna* por um, para a *columna* por dois; ou que para passar da *columna* para a linha o 2.º elemento da *columna* entre pela esquerda, em vez de o fazer pela direita, como no caso normal, etc., etc.

Emfim, tenhamos sempre em mira as idéas capitaes tão bellamente expostas no relatorio — introducção, do Regulamento de Infantaria, onde está bem nítida a separação entre as formações de combate e as de parada; por outras palavras, os exercicios de *maneabilidade* e os de *ordem unida*. Tenhamos, em consequencia, bem presente que só se attinge o objectivo da ordem unida quando se consegue que os movimentos executados pela tropa sejam perfeitamente uniformes, rapidos, elegantes, synchronicos; donde a necessidade de os igualar obrigatoriamente em todos os detalhes. No capitulo, pois, do Batalhão seria mister separar o que diz respeito a cada uma dessas sub-divisões essenciaes — *maneabilidade*, combate; ordem unida, parada —. E para os exercicios de ordem unida é então, como se vê, inadmissivel a dualidade de soluções que comporta o final do n.º 190:

«... os capitães conduzem suas companhias ao lugar que devem occupar na formação ordenada, mas tambem podem ir collocar-se nas posições que lhes competem em formação do batalhão e reunil-as atrás de si».

O regulamento de tiro de infantaria que, a não fazer parte do de instrucção dessa arma, deveria constituir um de seus annexos, por uma questão elemental de uniformidade, obriga a arma de engenharia (Annexo n.º VI no final do R. T. I.) á execução dos tiros de instrucção, ficando, porém, os mesmos facul-

tativos para os officiaes e, quanto á dotação especial de munição, estabelece que os batalhões de engenharia ficam em condições identicas aos batalhões incorporados da infantaria. Está muito bem, visto que as tropas de engenharia na guerra não devem ser utilizadas como combatentes de infantaria, o que desvirtuaria a função de engenharia, que comprehende principalmente estabelecer e melhorar toda a especie de communicações e secundariamente executar, quer na defensiva, quer na offensiva, as obras de maior vulto e que apresentem difficuldades technicas especiaes. D'ahi, entretanto, se infere que o official de engenharia tenha obrigação de manusear e applicar o R. T. I., o que justifica a inclusão, neste artigo, das considerações que se seguem.

A 2.^a edição deste regulamento (1919) é a que está em uso na tropa e já apresenta modificações em relação á edição anterior, mas conserva a seriação das posições de tiro mais ou menos como nesta ultima.

Os atiradores são distribuidos por tres classes: os que iniciam o tiro ao alvo de instrucção são os de 2.^a classe; os que satisfizerem as condições das 11 series de 2.^a classe (3, de 3 tiros cada uma, de exercicios prévios a 150 m.; mais 8, de 5 tiros, a 200, 300 e 400 metros — tudo conforme o quadro de fls. 34, nas posições e com os alvos alli indicados) passarão para a 1.^a classe, donde ascenderão á classe especial através de 8 series (segundo o quadro de fls. 35) em cuja classe ainda será submettido a nove exercicios (quadro de fls. 36).

Devendo-se partir sempre — em tudo quanto se refere ao ensino theorico ou pratico — do simples para o composto, do mais facil para o mais difficil, gradativamente, acho inteiramente descabido iniciar a instrucção de tiro com o alvo de zonas circulares com silhueta (Z. C. S.) pintada esta em côr avermelhada sobre fundo branco.

Habitualmente na guerra e em acção de combate, os objectivos hão de apresentar-se ao atirador de infantaria, imprevisos e fugazes, como se apresenta á linha de mira do instruendo a silhueta do Z. C. S.; mas, tratando-se de ensinar o homem a atirar, o logico seria utilizar exclusivamente, para os atiradores de 2.^a classe, isto é, os principiantes, o alvo de

zonas circulares (Z. C.) com as duas côrões centraes em negro sobre fundo branco. O Z. C. S. seria então applicado aos exercicios de atiradores de 1.^a classe; e o T. I. 400 aos da classe especial, com a sua complicação de tres silhuetas...

E' sem duvida alguma muito mais facil dirigir a linha de mira para um circulo negro bem destacado ao centro de um alvo branco, o que permite melhor e mais rapidamente ao atirador consciencioso, eliminar os erros de pontaria proprios de sua «equação pessoal», do que faz-lo com o Z. C. S., onde não ha um ponto como o *ponto negro*, que é a imagem geometrica bem nitida que se apresenta ao atirador, mas uma zona meio escura, como uma mancha de barbo avermelhado, diluida e tão imprecisa quanto mal a vista lhe apprehende os contornos, mesmo á distancia de 200 metros e nas condições mais favoraveis da atmosfera como do individuo. Como aprende a apontar bem, se não ha um *ponto* visar, mas uma *superficie* que não se sabe bem onde começa e onde acaba. Depois de aprender com o tiro real sobre o alvo Z. C.; aperfeiçoar o atirador da classe mais elevada, em alvo mais difficil e mais real; digamos finalmente, tornal-o eximio, com exigencias maiores, quando elle passar a atirador de classe especial — tal o programma que se me afigura attender á necessidade pedagogica de conduzir o instruendo pela escala da complicação crescente.

Nas condições para o fuzil, logo á 3.^a posição exige-se *arma livre, atirador de pé*.

E' um salto como os não dá a natureza, estabelecer, logo no inicio da instrucção, a mais difficil de todas as posições. Supponho que, logicamente, essa posição (de pé, arma livre) não deveria fazer parte nem do programma de exercicios de 1.^a classe, mas exclusivamente reservada aos ultimos exercicios da classe especial. O tiro de pé com arma livre é quasi um tiro de «sport», inteiramente inapplicavel na guerra, mas que serviria para seleccionar na ultima etapa do tiro de instrucção os atiradores eximios.

Finalmente, não encontro as razões de alta sabedoria que dictaram as condições a preencher pelos atiradores para passarem de classe e para passarem de uma posição para outra subsequente. Para que

fin complicar essas condições com coisas desta ordem: «nenhum tiro abaixo de 7 ou 25 pontos, neste caso nenhum tiro abaixo de 5»? — Conforme o duplo objectivo a atingir, quando se tem em vista avaliar o aproveitamento dos disparos sobre o alvo, ou se deve fixar a zona de tolerancia para o preenchimento das condições de uma determinada posição (nenhum tiro abaixo de 7, por ex.) ou a media dos pontos a obter, caso em que é preciso alliar ao minimo da somma dos pontos, a condicional do n.º de impactos exigidos (25 pontos, 5 impactos, por ex.).

Na guerra, como no preparo para a guerra, deve-se regeitar sempre as soluções complicadas para nos atermos, tanto quanto possível, á soluções mais simples.

Estariam bem seriadas as condições exigidas pelo regulamento desde que se tomasse apenas o limite minimo de pontos allí determinado, fixando-se em 5 o numero de impactos desde tiros a 150 m. até 300 m. inclusive; em 4 para 400 m.; ou estabelecendo apenas o ponto minimo a obter por tiro, por exemplo:

- 1.^a) — D. a. a. — Z. C. — Nenhum tiro abaixo de 7.
- 2.^a) — D. a. l. — Z. C. — Nenhum tiro abaixo de 6.
- 3.^a) — J. — Z. C. — Nenhum tiro abaixo de 4.

para os exercicios previos de 2.^a classe, com fuzil; e assim por deante.

A condição accrescida para uma das provas de cada classe de tiro para a 10.^a posição na 2.^a classe; 7.^a na 1.^a classe e 9.^a na classe especial; relativa á efficacia combinada com a velocidade do tiro, poderia permanecer distribuida assim pelas 3 classes, se não fosse preferivel estabelecel-a só para diferentes posições da classe especial; mas, em qualquer hypothese, por favor, se o pente tem 5 cartuchos, faça-se, como é natural, carregar a arma com os 5 de uma só vez, reduzindo por isto quantos segundos queiram no tempo exigido, mas ponha-se de lado a extranha «aventura» de *começar o exercicio com a arma previamente carregada apenas com tres cartuchos!*?

MAJOR AMILCAR A. B. DE MAGALHÃES.

O Official de Estado Maior

SUA CULTURA

(Continuação)

O nadador desenvolve de tal modo a sua coragem, sangue frio e calma que elle se transforma em um homem extraordinariamente apto para a luta. O habito de encarar as grandes distancias, mesmo com mar agitado, converte o homem em uma creatura ponderada e destemerosa.

Concordo que tudo que foi dito acima é de certo modo interessante, porém, alguns camaradas forçosamente terminarão por classificar-me como um exagerado.

Tenho plena convicção que, apesar de apaixonado pelos desportos, nunca prejudiquei com elles os meus estudos e afazeres de ordem militar.

Confesso que devo a boa disposição que goso para o trabalho e o estudo, á pratica dos desportos.

Estas modestissimas linhas são traçadas com o intuito de cooperar de algum modo para a cultura completa de um

official de E. M. Sempre tive certa paixão pelo juizo que se fazia antigamente desta classe de officiaes, pois, havia convicção de que se lidava com pessoas obesas, enraizadas aos habitos de burocracia.

O official é um typo seleccionado, como muito bem affirma o cap. de fragata Castex, e o official de E. M. é um seleccionado entre os proprios officiaes.

Logo, si elle é um seleccionado, eu o vejo debaixo do seguinte aspecto:

«Grande cultura intellectual, extraordinaria capacidade de trabalho, facil de conformar-se com o soffrimento que deve procurar amenisar com o bom humor, muito trabalhado pelos desportos (segundo a idade), o que quer dizer sempre prompto á cumprir as mais delicadas missões de exterior e principalmente aquellas que se realisam á noite. Muito sobrio e muitissimo modesto, sem deixar entretanto transparecer timidez em suas

affirmações; a estes predicaos deve reunir uma forte discreção, não deixando todavia de ser muito curioso.

Suas opiniões devem ser de tal modo fructo de uma precisão e segurança no conhecimento dos assumptos, que venham a convencer fortemente e sem a mais leve duvida qualquer um camarada de tropa ou mesmo de funcção. Concisão absoluta é um elemento de alto valor e indispensavel á um official de E. M.

Deve entretanto manter no mais alto gráo o seu espirito de camaradagem, tornando-se sempre que possivel uma fonte de informações á seus camaradas e de facillimo accesso. E' imprescindivel que mantenha uma correccão impecavel em seus uniformes, porém, uma das suas maiores preoccupações deve ser a de

mostrar-se um individuo á *fin*a educação, não deixando transparecer nos seus menores gestos a deficiencia deste predicaio, que lhe é absolutamente indispensavel.

A educação e a sociabilidade, o official deve procurar cultivar com um carinho tão meticoloso que o faça distinguir no meio em que viver.

A leitura de fino gosto e o convívio em uma sociedade culta terminarão em aprimorar em qualquer homem este dote.

O seu aspecto e a sua presença devem inspirar nos companheiros a confiança e a sympathia.

Eis o que penso sobre a cultura de um official de Estado Maior!

CAP. FRANCISCO FONSECA.

DOIS MINISTROS

Em 1880, exercia pela segunda vez, interinamente, a pasta da Guerra o conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, barão Homem de Mello, ministro do Imperio, em substituição ao tenente-general Visconde de Pelotas.

Homem de talento, de actividade invejavel, de infatigavel dedicação, entusiasta pela sciencia e pelas artes, continuou o Barão, no novo regimen, a prestar os seus serviços com a mesma dedicação patriótica de estadista, parlamentar, administrador e professor consciencioso.

Já quasi cego, ainda nos seus ultimos dias, era um dedicado e laborioso obreiro, por tudo interessando-se e collaborando, com a mesma vivacidade de seu infatigavel amor de brasileiro util á sua patria.

Levando ao Imperador os papeis de sua pasta no dia do despacho collectivo, entre estes, um decreto nomeando ministro do Supremo Tribunal Militar um general, que possuia todos os requisitos para este elevado cargo, de merecimento reconhecido e testemunhado pelo proprio Barão quando presidente do Rio Grande do Sul, organisou o 2.º corpo de exercito que marchou para o Paraguay, o Imperador, que tinha um candidato aulico que havia feito sua carreira com menos serviços, e votando tambem má vontade ao candidato do ministro, ao passar-lhe o decreto, fazendo a exposição elogiosa dos meritos do general, seu candidato, o Imperador, como

de costume, com todos os ministros, quando regeitava qualquer decreto, passou-o para o lado opposto da mesa, indicando a sua rejeição.

Homem de Mello, que viu neste acto, do Imperador uma desconsideração e uma injustiça, resolveu deixar a pasta e não compareceu mais a despacho, até que foi substituido na sua interinidade pelo tenente-general Visconde de Pelotas, dias depois, ficando assim confirmado o conselho do grande estadista Eusebio de Queiroz: «No Brasil só se podia ser ministro uma vez.»

Sciende do occorrido, o Visconde de Pelotas levou o decreto regeitado ao primeiro despacho, que soffreu a mesma impugnação, mas que acabou recebendo a assignatura imperial, porque o altivo e energico general declarou, com a sua franqueza de soldado valoroso, que ninguém poderia competir com o seu candidato e do seu antecessor, por elles pessoalmente conhecido e admirado.

O Visconde de Pelotas, o heroe de Aquidaban, promovido a marechal em 1890, foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul, de onde era filho, e a elle já me referi quando salientei o papel patriótico que desempenhou no Senado nas vespéras da proclamação da Republica, da qual foi ainda um leal servidor.

Falleceu no Rio de Janeiro.

O Barão Homem de Mello foi sempre admirador do nosso exercito, do qual era coronel honorario, como lente do Collegio Militar, cargo que acceitou em 1888, quando organizado o Collegio, concorrendo para educar muitos dos nossos officiaes de terra e mar, que tributam á sua memoria sinceras provas de admiração e respeito.

Este episódio me foi relatado pessoalmente pouco tempo antes do seu falecimento, que se deu aos 80 annos de idade, em 1920 no Rio de Janeiro.

A veneranda reliquia, ornamento que ainda restava do Imperio, era natural de São Paulo, e tambem estava ligado á tradição paulista o marechal José Antonio Corrêa da Camara, senador e Visconde de Pelotas, neto do 1.^o Visconde de Pelotas, marechal Propicio Corrêa da Camara, e genro do conselheiro Jose Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, notavel estadista do Imperio.

MARECHAL CARLOS DE CAMPOS.

UMA SESSÃO DE TIRO NA SALA DO 8.º R. A. M.

Durante a estadia do T. Cel. Pascal e Cap. Courant no 8.º R. A. M., no mez de Janeiro ultimo, realisou-se um interessante exercicio de tiro, destinado a familiarisar os officiaes do regimento com o jogo da dispersão. O que de curioso apresentou esse exercicio, foi o facto de ter sido utilizado um *canhão-mudo*, permitindo o seu funcionamento no Casino do regimento.

Como veremos mais adiante, esta original *escola de fogo* é de realização fácil, podendo ser executada pelos de-

mais camaradas das outras unidades de artilharia, com grande proveito para a instrucção de tiro, pois que taes exercicios substituem em parte o tiro real dos campos de instrucção, resolvendo até certo ponto as difficuldades que habitualmente pesam sobre os corpos de artilharia: *munição e terreno disponivel*.

Começemos pela descrição do material de tiro. A figura n.º 1 revela imediatamente a sua simplicidade.

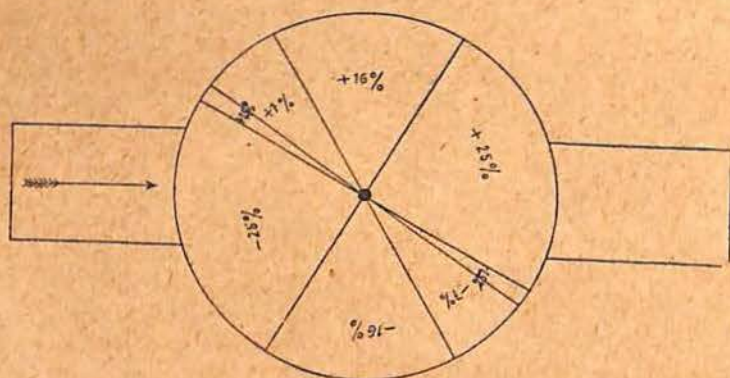


Fig. 1

O *canhão-mudo* (construtor Cap. Courant) consta de um círculo de papelão (diâmetro approximado = 0m,15), podendo girar horizontalmente em torno do seu centro, sobre uma pequena taboa. Nesta taboa, uma setta desenhada serve de indicador.

O círculo de papelão tem a superfície dividida do modo seguinte: um diâmetro serve de linha de separação dos tiros

longos e curtos; em cada semi-círculo assim formado, traçam-se sectores de dimensões proporcionaes aos numeros de tiros provaveis em cada zona de um rectangulo de dispersão: 25 % (que corresponde a $\frac{1}{4}$ de círculo), 16 %, 7 % e 1,5 %.

Eis ahí o canhão; logo á primeira inspecção, dá idéa de uma *roleta* e, realmente, não é nada mais que isto.

O seu funcionamento é intuitivo: faz-se girar a *roleta*; o numero do sector que parar em frente á setta-indicadora, dirá se o tiro foi *longo* (+) ou *curto* (-), e se foi longo ou curto de 1 desvio provavel (sectores dos 25 %), de 2 desvios provaveis (sectores dos 16 %), de 3 desvios provaveis (sectores dos 7 %) ou de 4 desvios provaveis (sectores dos 1,5 %).

O canhão-mudo resolverá da mesma maneira as questões de *direcção* e *altura de arrebatamento*, informando de quanto o tiro foi á *direita* ou á *esquerda*, e de quanto foi *alto* ou *baixo*.

Quando a setta ficar em frente a uma das extremidades do diametro que separa os tiros longos dos curtos, significará que o tiro foi *no objectivo*.

Para se organizar uma escola de fogo na sala, desenha-se em uma folha grande de papel o rectangulo da dispersão correspondente á distancia do objectivo, dada pela carta ou arbitrada pelo director do exercicio; as dimensões dos desvios provaveis em alcance de direcção (e em altura, quando fôr o caso do tiro de tempo) são fornecidas pelas tabellas de tiro, e a escala adoptada deve ser grande (1/1.000, por exemplo, para facilitar as construcções graphicas).

O ponto médio do rectangulo representará o *ponto de regulação*; o prolongamento do eixo longitudinal do rectangulo indicará a *direcção* em que se encontra a peça ou a *linha de observação*, quando esta fôr axial; nos casos de observação lateral traçam-se, a partir do ponto médio, as linhas que definem as respectivas linhas de observação.

O commandante do tiro deve ficar separado do resto do pessoal participante do exercicio; convem mesmo que se isole em uma sala differente, ligada por um telephonio de campanha á sala onde estão reunidos os demais officiaes, em torno da folha que recebe os desenhos acima descriptos. O commandante do tiro unicamente receberá por telephonio as indicações que a observação lhe forneceria na realidade, e transmite por este meio os seus commands, que são communicados aos assistentes.

Dados os commands iniciaes para a abertura do tiro (commands arbitrarios ou resultantes de uma preliminar exercicio de preparação regular), o director do exercicio fixa arbitrariamente no de-

senho a posição do ponto M, um al de partida em relação ao ponto de regulação M.

Faz-se partir o primeiro tiro, isto é, entra em funcção a *roleta*, uma primeira vez para o alcance e uma segunda vez para a direcção (e mais uma terceira vez, tratando-se do tiro de tempo). Imagine-se que na primeira vez a setta tenha indicado o sector + 16 %, e na segunda vez - 25 %: quer isto dizer que, em relação ao ponto M, o tiro foi *longo* de dois desvios provaveis em alcance e á *esquerda* de 1 desvio provavel em direcção.

Então, tomando-se o ponto M¹ para origem e com estas dimensões tiradas do rectangulo de dispersão, encontra-se o ponto 1, que representa o *ponto de queda* do primeiro tiro.

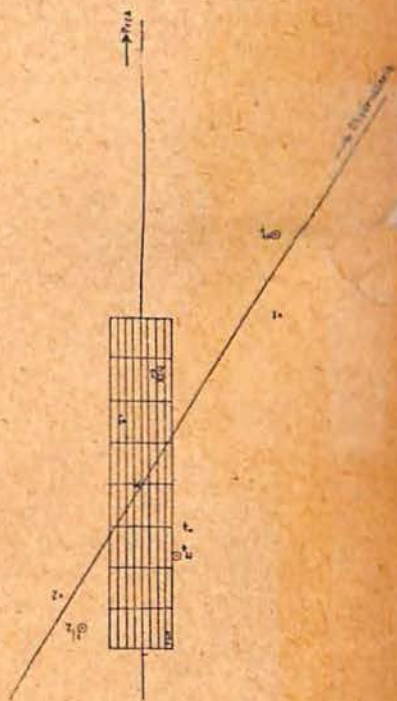


Fig. 2

O director do exercicio faz communicar por telephonio ao commandante do tiro o supposto resultado da observação; o simples exame da posição do ponto 1 em relação ao ponto de regulação M, dirá si o tiro 1 foi curto ou longo; tirando-se de 1 uma perpendicular á linha de observação e sabendo-se a distancia (fixada pelo director) em que se ache o observatorio, têm-se os elementos para annunciar: á direita ou á esquerda tantos millesimos.

Do mesmo modo que em um tiro real, o commandante do tiro deve ter os dados necessários sobre os observatorios (distancias ao objectivo, angulos de observação) para que esteja em condições de transformar os resultados da observação em elementos utilisaveis nos novos commandos.

Esses resultados são transmittidos como em combate, bem como os commandos de tiro; d'ahi a vantagem de solar o commandante em uma sala e igual-o por telephonio á mesa onde se encontram o canhão e o objectivo; por este meio *evitam-se as explicações inúteis*.

Conhecido o resultado do primeiro tiro, o commandante formula os elementos para o segundo, de accordo com o processo de regulação que está sendo exercitado, e os transmittes para o canhão. Com estes novos dados e *partindo-se do ponto médio M_1* , faz-se a construção graphica para ser encontrado o ponto médio M_2 , transformando-se os elementos numericos commandados em linhas rectangulares com origem em M_1 . Si as alterações no angulo de tiro são commandadas em millesimos ou grãos e minutos, as tabellas de tiro fornecem os elementos para a transformação em metros na distancia considerada.

As alterações na deriva são transformadas em metros levando-se em conta a distancia de tiro que está em jogo.

Ao commando «fogo!» faz-se funcio-nar o canhão-roleta como foi relatado anteriormente e, *tomando-se para origem o ponto M_2* , chega-se a um segundo ponto de queda 2; annuncia-se o resultado da nova observação e assim continua o exercicio até que o director dê por terminado o tiro.

Os tiros não observados serão arbitrados por esta autoridade, aproveitando circumstancias favoraveis como sejam: construção graphica, superposição de pontos de queda, etc. Do mesmo modo, o director poderá modificar ligeiramente os dados da observação a transmittir para o commandante do tiro; isto corresponderá ás imperfeições das observações. Finalmente, pode-se suppor que as condições athmosphericas variam durante a execução do tiro; esta variação se traduz por deslocamentos dos pontos médios, impostos de vez em

quando pelo director (aproveitar as regulações demoradas por effeito de erros commettidos pelo commandante do tiro).

Eis ahi como se realisa o tiro na sala; a explicação é um pouco longa quando dada por escripto; mas, a execução é muito mais simples do que se imagina á primeira vista. Pelo que foi descripto, vê-se que a construção graphica não é mais que um *levantamento dos pontos de queda*, realiado na região do objectivo; é como si o director do exercicio ahi estivesse e transmittisse os resultados dos tiros taes como são vistos dos observatorios; um official subalterno com certa habilitação para desenho não terá difficuldade em ir marcando os pontos $M_1, 1, M_2, 2$, etc. O que se deve observar é que *um ponto médio qual-quer seja determinado tomando-se para origem o ponto médio anterior*; e que *nunca se annuncie ao commandante do tiro a observação relativa ao ponto médio, e sim a relativa ao ponto fornecido pelo canhão*. A funcção do canhão-mudo é introduzir, para cada commando feito, o coefficiente resultante da dispersão, tal como se passa no tiro real.

O tiro na sala assim concebido presta-se admiravelmente ao estudo dos diferentes processos de regulação e mecanismos de tiro de efficacia; é sufficiente considerar sempre a construção graphica como um levantamento dos pontos de queda e figurar no desenho a planta do objectivo, na mesma escala adoptada.

Pode-se ainda imaginar que as peças da bateria não têm o mesmo regimen e então fixa-se para uma ou mais dellas um certo numero de desvios provaveis que representarão os desvios systematicos correspondentes ao desgaste.

Um exercicio interessante será começar por uma preparação regular sobre uma boa carta em grande escala; com os dados iniciaes aerologicos, topographicos e balisticos fornecidos pelo director do exercicio, o commandante do tiro enche a folha de calculos até á determinação da deriva, angulo de elevação e evento iniciaes. Em seguida procede-se á regulação com o canhão-mudo, obtendo-se no fim a deriva, o angulo de elevação e o evento de regulação. Finalmente, completa-se a folha de calculos com a depuração do tiro.

E' tambem possivel proceder-se a uma regulação por avião; o canhão-mudo dará

o grupo de tiros de que se precisa para a apreciação do ponto médio dos empactos. Um official na sala do director do exercicio terá as funcções de observador; elle transmittirá a grandeza dos desvios por meio da *série* do telephonio, como si fosse a T. S. F. do avião. Os signaes feitos da bateria para o avião serão enviados, por um estafeta, ao observador, por meio de desenhos schematicos dos paineis regulamentares, em pequenos pedaços de papel.

Por ahi se vê que este methodo de instrucção se presta a uma grande variedade de applicações. Por meio d'elle chega-se a preparar convenientemente todos os officiaes da unidade nas regras e mecanismos dos tiros; e, quando esta preparação é conseguida, as escolas de fogo com tiro real podem ser muito economicas e de grande rendimento; basta que se realizem no terreno os transpor-

tes de tiro e que se leve a regulção a ser obtido um enquadramento razoavel desde que o commandante de bateria tenha demonstrado, na sala, conhecer o mecanismo do tiro que realisa, será um desperdicio de munição proseguir na regulção até o fim.

E assim, em uma mesma secção de tiro real, podem ser chamados ao commando da bateria muitos officiaes, em poucas horas.

Será a desejar que todos os officiaes de artilharia tenham na sua mesa de trabalho um pequeno canhão-mudo. Por meio d'elle, o estudo do R. T. A. será feito experimentalmente, e o graphico collocado deante dos olhos, será um critico inexoravel das decisões tomadas, por que, no caso de má applicação das regras de tiro, a posição dos pontos de queda accusa logo o erro commetido.

CAP. SILIO PORTELLA.

INDUSTRIA MILITAR

« Não se luta com homens contra o material, já é um aphorismo de guerra, nascido e propalado na ultima conflagração mundial.

As industrias aperfeçoadissimas dos paizes contendores, puzeram em mãos dos seus exercitos, uma quantidade tão grande de engenhos destruidôres de toda a ordem que, provado ficou, á evidencia, que muito mais pode que um agglomerado de soldados patriotas e dispostos até ao sacrificio, um material de guerra, aperfeçoado e mortifero, manejado por mãos competentes.

Facil, sabendo fallar ao patriotismo e bons sentimentos dos homens, sempre bravos quando se trata de defender o sólo sagrado da Patria, improvisar um exercito em seus elementos humanos.

Difficil, impossivel mesmo, quando não se possúe, ao menos, uma industria particular desenvolvida, dotar este exercito de todo o material complexo, factor inseparavel da victoria, diante do qual foi parado o impeto super-humano que animou os Exercitos Francezes, no inicio da conflagração precipitada.

Desta dura experiencia nasceu o aphorismo, com que iniciamos o nosso artigo.

Sendo assim, parece-nos, um cuidado todo particular deverá ser prestado pelo Poderes Publicos á creação da *Industria Militar*, entre nós embryonaria, capaz de dotar o Exercito do material de guerra preciso.

Não serão jamais percos dos officiaes afastados para dedicarem-se a este Exercito não vive só como vimos, estes são os improvisar.

Tão patriotico, tão meritorio é o serviço prestado por um official que depende as suas energias a conduzir e construir homens, como d'aquelle que emprega em um trabalho, obscuro e culto, estiolando-se nos gabinetes e officinas das fabricas e dos arsenaes.

Em um paiz, como o nosso, de industria particular ainda rudimentar, incapaz de supprir a deficiencia da industria militar, ao contrario do que succedeu nos Estados Unidos no ultimo periodo da conflagração europeá, não ha fugir a este dilemma: ou se crêa a industria militar official ou se fomenta o desenvolvimento particular, sobre bases taes que torne apta a ganhar aquelle caracteristico, quando necessario.

Um paiz que, sob os methodos modernos de guerra, é obrigado a abastecer-se do material respectivo em mercados estrangeiros longinquos é um paiz fatalmente talhado para a derrota. Não mais o tempo em que a bravura pessoal, manejando a lança e a espada, venciam os campos de batalha: Osorio é hoje uma lenda.

Quem ignora que sómente fabricas e arsenaes, trabalhando ininterruptamente, terão capacidade de fornecer o grande

stock de munições exigido pelo emprego actual da Artilharia e da Infantaria?

Por isso a nós parece, tão importante educar officiaes e formar reservistas, quanto dedicar o governo o melhor dos seus esforços á creação da *Industria Militar*, unico factor capaz de tornar-nos, de facto, uma potencia sul-americana digna deste nome, em condições de preencher no continente as suas gloriosas missões.

CAP. ARTHUR J. PAMPHIRO.

A administração militar e o serviço da Intendencia da Guerra

(Continuação)

Em nosso primeiro artigo mostramos que, o intendente da guerra, como collaborador e conselheiro tecnico do commando, deve ser ouvido na preparação da ordem, relativamente a alimentação e reabastecimento. Vejamos hoje o

Papel do Intendente da guerra como chefe de serviço

Tomada a decisão e dada a ordem pelo commando está terminado o papel de estado-maior relativamente ao serviço; papel que começa para o intendente, «pois uma ordem enuncia uma eventualidade, não resolve um facto e, em cada dominio da actividade humana, existe uma technica. Isto é, um conjuncto methodico de processos de acção, variaveis com a materia tratada, os meios e o objectivo.» Cabe agora ao intendente dirigir os serviços de que é chefe de modo a assegurar a execução da ordem do Commando.

Para isto, prepara as disposições technicas desta execução e as notifica ao pessoal sob suas ordens. E' a parte essencial de suas funções em campanha. Cumprir desenvolver o plano que concebeu e propor ao Commando as ordens de alimentação e reabastecimento. Desde este momento acha-se preso ao caso concreto. As ordens e instrucções, que agora dirige, com a autoridade propria e inteira responsabilidade, ao pessoal e órgãos de que o chefe, devem constituir um programma de acção completo, serem precisas, concisas, coordenadas entre si e, sobretudo, realisaveis.

Nesta parte de sua função subordina-se apenas aos superiores hierarchicos da linha technica; assim, por exemplo, o intendente divisionario, embora usando da indispensavel iniciativa, age segundo as directivas e instrucções do intendente de exercito, etc.

Para o cabal desempenho de seu papel, é indispensavel, ao intendente chefe do serviço: um conhecimento previo e perfeito dos esforços que pode pedir ao pessoal, do rendimento de que é capaz o material e da duração das diversas operações a effectuar; é ainda necessario um conhecimento actual e completo do effectivo de que dispõe cada órgão administrativo, do estado de fadiga do pessoal, do local onde se acha este, das distancias a percorrer antes de começar o trabalho, das condições das installações, etc.

Por mais ponderadas e estudadas que tenham sido as ordens, nem sempre poderão ser integralmente realizadas; frequentemente a situação militar terá mudado, ou, então, um accidente, uma circumstancia atmospherica, uma demora, etc., impedirão que certas medidas se executem nas condições previstas pela ordem; o intendente, informado a cada instante sobre a marcha dos serviços, deve achar-se sempre prompto a reparar os erros, modificar uma determinação, orientando incessantemente o pessoal que executa no sentido do fim a attingir, que é a satisfação das necessidades das tropas. Para isto, é preciso apprehender o que é possivel e o que não o é, decidir rapidamente entre as diversas soluções e dar instrucções sempre precisas.

A Intendencia da Guerra em campanha

Em campanha cabe á intendencia os seguintes encargos:

1.º) organização, direcção e execução dos serviços de subsistencia, fardamento, equipamento, arreamento, acampamento, etc., e a ordenação das despesas destes serviços;

2.º) o soldo e mais vantagens pecuniarias do effectivo em armas;

3.º) verificação das contas de distribuição e consumo referentes aos fundos e materiaes dependentes de seus serviços;

4.º) verificação das contas dos corpos de tropa e administração do pessoal sem tropa;

5.º) fiscalização dos serviços de thesauraria e correio, nos limites previstos pelos regulamentos.

A esta enumeração convem juntar as funções de officiaes de Registro Civil, taes como recebimento de testamentos, etc.

Todas estas attribuições os intendentes da Guerra exercem de accôrdo com regras simples, estabelecidas em instrucções especiaes. Todas ellas se applicam a actos necessarios; mas, diversos são os esforços que exigem, pois as necessidades dos militares em campanha apresentam-se com differentes grãos de urgencia. Evidentemente, o serviço de subsistencia tem uma importancia capital; seu funcionamento é diario, apresenta sempre difficuldades novas, creando uma preocupação constante e absorvendo grande parte do tempo do pessoal da intendencia.

Mas, não basta que o soldado se alimente bem, é preciso achar-se sufficientemente agasalhado e provido de todos os accessorios que tornem possivel a vida em campanha, com todas as suas fadigas. O capote e a manta, principalmente, são peças cujas qualidades devem ser objecto de serios cuidados; sem calçados o infante não vae longe, e estes se estragam rapidamente e difficilmente se concerta nos periodos de marchas; o equipamento deve-se achar completo e provido de utensilios de acampamento, que permittam ao soldado, em qualquer situação, o preparo de seu alimento, pois não é prudente contar sempre com o concurso das cozinhas moveis.

Manter todos estes artigos ao completo assegurar sua renovação, prever o fornecimento a novas unidades, tal o fim do serviço de fardamento e equipamento.

Ainda mais: um exercito tem necessidade constante de dinheiro e á intendencia, que dispõe dos creditos, cabe velar para que os fundos sejam sufficientes para o soldo e mais vantagens pecuniarias das tropas, assim como para o pagamento de numerosas compras e fornecimento.

Emfim, embora attenuado, o serviço de contabilidade se não extingue em campanha; sem elle, sem esta serie de papeis que acompanham todo acto administrativo, e que a muitos parecem fastidiosos por não comprehenderem sua utilidade, desordem reinaria logo no seio do exercito e, como consequencia, afóra os abusos, a plethora em certos logares e penuria em outros. Cumpre, pois, a intendencia assegurar a regularidade das contas e, sem se mostrar mesquinha, no momento em que todas as molas da energia militar se acham tensas para o fim superior da victoria, deve velar para que materiaes dispendiosos se não percam e inutilisem, para que cada um receba o que lhe é devido, porem nada mais do que isto.

Entre todas as attribuições enumeradas a referente á alimentação é preponderante. As demais, cujo exercicio se simplifica em campanha, passam a segunda categoria.

Com effeito, fardamento, equipamento, numerario, etc., por mais necessarios que sejam, não são cousas que se possam obter em qualquer parte e a hora exacta. provêm sempre de armazens da retaguarda e pode-se esperar sua chegada; é questão das providencias tomadas em tempo de paz; os viveres ao contrario, nem sempre poderão provir da retaguarda, muitas vezes é necessario procural-os no local reunil-os e leval-os ao consumidor. Sua necessidade é sempre urgente e renascente e representam um peso e volume consideraveis.

O effectivo dos exercitos modernos, a rapidez do começo das guerras actuaes e os movimentos que as seguem, dão ao problema da alimentação da tropa notavel importancia, tornando-o quasi insolúvel para aquelles a quem cabe tal tarefa não dispuzerem de meios de transporte apertados e sufficientes, e de um serviço perfectamente organizado.

Iniciativa e dever de todo commandante de corpo ou destacamento

«Na guerra é impossível prever todas as eventualidades que se podem apresentar, não raras vezes os estados-maiores achar-se-ão impossibilitados de dar, em tempo útil, ordens relativas a alimentação da tropa, ou ainda, as ordens dadas com este fim encontram obstáculos não previstos.»

Nestas condições, e na ausência dos officiaes generaes, ou impossibilidade de obter delles uma solução em tempo útil, cabe a todo Commando de corpo ou destacamento prescrever por iniciativas proprias as disposições capazes de prover ás necessidades da tropa, notadamente a alimentação dos homens e cavallos. Em caso de urgencia, podem mesmo introduzir modificações nas ordens do Commando e nas instrucções technicas dadas pelos indubitados da Guerra aos officiaes de aprovisionamento, visto como, após a execução de taes ordens ou instrucções, dificuldades imprevistas e insuperaveis, podem-se produzir.

Privações susceptíveis de ser impostas ás tropas

Antes de mostrar a organização e funcionamento do serviço de subsistencia em campanha, convém advertir que, seja qual for a confiança que esta organização nos inspire, por mais perfeito que seja o funcionamento do serviço, por maior que seja o devotamento e competencia do pessoal d'elle encarregado, será sempre possível terem as tropas de supportar privações; pois:

«Garantir, de maneira completa, a alimentação dos grandes exercitos em uma guerra de movimento, é problema que nunca foi resolvido e, provavelmente, não será para o futuro.» (Bronsart).

A historia attesta que em todas as guerras, em todos os exercitos e em todas as épocas, essas privações foram sendas.

«E' preciso não esquecer que a tarefa de alimentar um grande exercito é rude e se renova incessantemente. Não se comete todos os dias, nem diariamente se abastece a tropa em munições, mas, sempre é preciso viver.

«Encarar a eventualidade das privações que as tropas poderão ter de supportar,

talvez pareça perigoso a certos espiritos, que ali verão apenas a confissão antecipada da importancia da organização administrativa, para satisfazer ás necessidades da tropa, em dadas circumstancias. Mas, um general que no momento de empenhar uma acção prevê sua linha de retirada, não está, evidentemente, condemnado a bater em retirada.»

«E' preferível encarar com sangue frio e sem idea preconcebida a eventualidade das privações e procurar os meios proprios a conjurar seus perigosos effeitos sobre o moral das tropas e disciplina dos exercitos.» Este meio é indicado pelos regulamentos.

«Convém elevar bem alto o espirito e o coração do soldado e persuadi-lo que a salvação da patria dependerá tanto de suas aptidões para supportar as fadigas e privações da guerra, como de sua tenacidade, bravura e conducta no fogo.»

E' preciso, pois, desde o tempo de paz, fazer o soldado ver a eventualidade das privações e inculcar-lhe o espirito de resignação, afim de evitar de sua parte criticas e queixas, que fariam perder a confiança em seus chefes.

Os allemães em seus regulamentos fazem os soldados comprehender que a guerra tem necessidades crueis, que nem sempre a vontade dos generaes, e o zelo do pessoal administrativo poderão vencer, por mais ciosos que sejam do bem estar de suas tropas.

«A violencia da guerra faz bom commercio com a vida humana e pede mesmo, da parte dos homens, esforços de tal modo extremos, que as constituições as mais robustas acabam por succumbir; ella pode, pois, impôr privações momentaneas de alimento.»

Mas, Commando e Administração têm o dever commum de proporcionar ás tropas uma alimentação tão abundantemente e regular quanto possível, esforçando-se para que as eventualidades de privações sejam raras.

Todavia este dever não pode ser o objectivo capital.

«A preocupação de poupar as tropas no combate, de diminuir suas fadigas e assegurar sua subsistencia, só tem logar quando as circumstancias o permitem.»

«Este principio não é talvez muito humano, mas a guerra em si não é uma obra philantropica e, por outro lado, recusando supportar em tempo opportuno privações

moderadas pode-se arriscar a comprometer o successo da guerra e ter ainda de supportar perdas, miserias e soffrimentos extremos». (Schellendorf).

«Não ha força humana que possa lutar com os elementos ou impotencia das previsões e, por outro lado, as operações inimigas podem frequentemente produzir modificações e perturbações na execução do serviço; ninguém pode obstar que epizootias destruam os rebanhos, que a região atravessada seja pobre de recursos, que as estradas estejam impraticaveis e as pontes destruidas; que os corpos tenham

mudanças imprevistas de posições e que as provisões immobilizadas judiciosamente de manhã achem-se á tarde muito distantes das novas posições da tropa.

«O soldado deve estar preparado para tudo esperar, porque terá dias de privações; mas a prova não excederá o que se tem de pedir-lhe; as privações, as fadigas, as proprias vidas, constituem o preço unico por que se compra o successo». (Schellendorf).

TTE.-CEL. ACCACIO F. CORRÊA,
Intendente da Guerra

DA PROVINCIA

DO 4º R. A. M. — ITÚ — Reunião de Officiaes

Inicio do curso de monitores

(Programma do anno de instrucção do 4.º R. A. 1922/23; Bim. Rtal. de 30 e 31 de Outubro; addto. do I. G., de 22 de Novembro).

Snr. Cmte. do R.! Snrs. Officiaes e sargentos do I. G.! Meus Snrs.

Na «2.ª Reunião dos officiaes do Grupo», que tivemos ensejo de realizar a 1-6-22, assim resumí os «problemas de organização da instrucção» (era este o assumpto da sessão):

1. NECESSIDADE URGENTE DA PARTICIPAÇÃO DOS SARGENTOS NA INSTRUÇÃO.

2. NECESSIDADE INADIÁVEL DE CONDENAR O ENSINO EM MASSA, isto é, necessidade de fraccionar racionalmente os instruendos em turmas.

3. NECESSIDADE ABSOLUTA DE BEM APROVEITAR O TEMPO DA INSTRUÇÃO, evitar que esteja apenas a correr o tempo por sobre os homens mantidos em fôrma sem occupação, ou á margem da formatura.

Ao enunciado do primeiro ponto, acrescentava eu que é contrasenso que tal sargento seja poupado na pesada lide do ensino ás praças, a pretexto de que lhe falta capacidade; e, após uma citação de varios passos de regulamentos, assim resumia:

«...São abundantes as disposições regulamentares que querem, indiscutivelmente, a participação dos sargentos na instrucção.

Aliás a necessidade dessa participação se impõe á mais leve reflexão, seja qual for o aspecto pelo qual se enface a situação delles na tropa, seja o destino de seu escalão na hierarchia militar, ou o papel que lhes é reservado na organização dos trabalhos de tropa.

Porque então não é ella observada? Isto é, qual o motivo de termos sargentos que não participam da instrucção?»

«Ninguém tem duvida que a chave desses tres problemas essenciaes da organização da instrucção está na aptidão profissional dos sargentos.

Isto é, nem todos os nossos sargentos... são sargentos; muitos são apenas porta-divisas, são incapazes de darem conta de qualquer ramo da instrucção corrente dos soldados, nem se fale então do seu preparo proprio.

Mas ahi ha um circulo vicioso: tal sargento é inaproveitavel, não vae á instrucção, porque não sabe — e elle nunca vem a saber alguma cousa, porque não vae á instrucção.

Depois, os sargentos não são obrigados a ser ardorosos; tanto maior o merecimento dos que o são. E os que não tem ardor, tem como terrivel contrapeso a esperteza: se, por não saberem, são deixados em paz, nada melhor, tollos seriam — pensarão elles — se fossem procurar aprender».

Até aqui é que eu queria agora chegar nesta relembração do que achei conveniente dizer aos Snrs. officiaes do G., quinze dias depois de haver assumido seu cdo., e como consequencia das observações por mim feitas nesse periodo, que era o mesmo da minha estada no R. E assim queria, para que os officiaes e sargentos partilhassem commigo do legitimo prazer que todos devemos experimentar ao notar que, de então para cá, sensivelmente mudou o quadro, para muito melhor. Aos Snrs. officiaes e sargentos felicito pelo ardor e boa vontade com que logo tomaram a peito a solução do problema, pelo real progresso que conseguiram em pouco tempo, e lhes traduzo, nesta feliz oportunidade, o meu reconhecimento pelas excellentes qualidades profissionais ahi postas em acção.

Na «observação final» de meu additamento n.º 2 ao Bim. Rtal. de 22 deste, em que planejei a «instrucção dos sargentos» do I. G. para o mez de Dezembro, periodo especial, que hoje começa, em que vamos proceder a uma intensiva revisão dos conhecimentos dos sargentos com vistas ás necessidades de seu en-

prego como monitores, *ex-vi* do programma do anno de instrucção no 4.º R. A., disse eu:

«Espero que os Snrs. Cmtes. de baterias encararão intelligentemente a nova difficuldade que lhes resultará d'essa frequente subtracção de seus sargentos, tão necessários ao ensino dos recrutas; saberão vencer a redobrando sua attenção na *organisação* desse ensino e na execução».

Repetindo aqui esta observação, não é meu intuito renovar, porque seria superfluo, uma exhortação aos Snrs. Cmtes. de bia; meu intuito é aproveitá-la para certos esclarecimentos que hão de ser uteis. A saber:

— Das aulas que terminam ás 13,15 os sargentos irão directamente para suas bias, afim de participarem na instrucção das praças que começa ás 13,30 (Pontualidade no encerramento das aulas pelos Snrs. officiaes encarregados da instrucção dos sargentos!)

As aulas que começam ás 6,30 e ás 14,00 não inibem os sargentos de collaborarem nas suas bias, para o inicio da instrucção das praças (6,00 e 13,30); pedirão licença a tempo para irem á sua instrucção especial, de modo que não cheguem atrasados.

— O aproveitamento de algum cabo, anspeçada ou praça prompta de que disponha a bia, a utilização *mesmo* de recrutas mais expertos, são expedientes que servirão para combater o mais possível, apesar de tudo, o ensino em massa aos recrutas, nas horas em que faltem os sargentos.

Depois, «já uma feliz adaptação dos programas semanaes da instrucção dos recrutas» ao calendario das escolas collectivas dos sargentos reduzirá grandemente a perturbação por estas produzida. E finalmente o pequeno prejuizo que sempre haja será de prompto resarcido, logo que entrem a funcionar os monitores retemperados».

A este proposito retomo um trecho da exposição por mim feita na referida reunião de 15.6.

É NA MÃO DOS OFFICIAES QUE ESTÁ A COMPETENCIA DOS SARGENTOS, e com ella a chave dos problemas de que nos estamos occupando. (Organisação da instrucção).

Importa a todo transe prepararmos os sargentos para darem instrucção. Não impede que para lá chegarmos tenhamos de atravessar, — como inevitavelmente succederá — uma phrase critica, em que para elles e para os officiaes haverá uma sobrecarga de trabalho e em que mesmo arrostaremos que d'isso se resinta, passagieramente, a instrucção a dar ás praças.

Essa crise será um mal de pouca duração, a que nos sujeitaremos «de bom grado, preliando os beneficios que forçosamente havemos de colher desses sacrificios...» a propria disciplina lucrará porque os sargentos, entregues ao exercicio de sua função de instructores, mais legitimamente sentirão a sua superioridade sobre os soldados, e estes terão concretisada a razão da differença hierarchica. O sargento que «sabe» fica mais satisfeito de si mesmo, tem a cabeça mais levantada. O soldado, por mais inculco que seja, no fim de pouco tempo adquire uma notavel perspicacia: elle percebe que fulano e sicrano não dão instrucção, tendo entretanto nominalmente a mesma função que os outros; sua subordinação, seu culto á disci-

plina, seu respeito para com os primeiros, existirão certamente, mas terão raizes muito frageis.

Para terminar, vamos relêr, em adequado extracto, o programma a que devem obedecer as escolas collectivas do Grupo, ora na immi-nencia de serem iniciadas:

PLANO ESPECIAL de revisão dos conhecimentos dos sargentos, com vistas ás necessidades do seu emprego como monitores.

1. *Duração do periodo especial*: 1 a 22 de Dezembro.

2. *Escolas collectivas do Grupo*. Assumptos:
a) instrucção physica.
b) instrucção a pé propriamente dita.
c) instrucção geral.
d) artilharia.
e) do cavallo e do arreiamento.

Observações: 1.ª — Todo o ensino nesses assumptos será ministrado caracterisadamente como preparação de monitores.

Os demais assumptos, especialmente os peculiares ás funções individuaes dos sargentos, serão dados, se possível, a cargo das baterias.

2.ª — Os programmas detalhados (vêr adiante n.º 4) serão traçados tendo em vista: 1.º uma judiciosa ordem de precedencia das materias; 2.º uma perfeita harmonia entre a necessidade de, pela pressão do tempo, fazer o ensino intensivo e a de fazê-lo meticoloso; e 3.º, que os assumptos que fôr impossivel tratar nesse periodo, á mingua de tempo, farão objecto preferido da ulterior instrucção dos quadros.

4. *Encarregados da instrucção*. — Categorias a e b (seis sessões, material da 3.ª bia.) Snr. Tenente Newton Franklin do Nascimento.

Categoria c (10 sessões) e e (3 sessões) Snr. Tenente Edgard de Paula Costa.

Categoria d (12 sessões, material da 1.ª bia.) Snr. Tenente Ramiro Gorreta Junior.

Observação: Os Snrs. encarregados organizarão um mappa de frequencia dos instruendos, onde explicarão com uma palavra (por sua vez abreviada em uma letra) o motivo das faltas e fornecerão aos cmtes. de bias, a nota da instrucção dada para que esta figure no respectivo registro geral».

Approvo os programmas detalhados que me foram apresentados pelos Snrs. Tenentes Paula Costa, Franklin Nascimento e Gorreta.

«Tudo espero da dedicação e intelligencia «destes officiaes, bem como, já lo disse, da intelligencia e boa vontade dos cmts. de bias, e da aptidão dos sargentos.

Vae o Snr. Tenente Paula Costa dar a sua primeira lição.

Agradeço o comparecimento de nosso cmt. e fiscal e dos Snrs., officiaes e sargentos do II G.

Tenho dito.

Encerramento do curso de monitores do no mez de dezembro

Meu cmt.! Meus camaradas, Snrs. Officiaes e sargentos do I Grupo e do II!

O implacavel rodar do carro do tempo, ao qual nada detem, nos trouxe ao termo do periodo especial de instrucção dos sargentos,

período planejado para este mez de Dezembro e rigorosamente executado.

Foram tres semanas cheias e ninguem como vós, os Cmts. de bia., os encarregados da instrução collectiva dos sargentos nos G. e os instruendos, pôde agora orgulhar-se da tarefa realisada. Vós, que sentistes dia a dia a pressão dos trabalhos e a sua repercussão, ao transmittir-se ella integralmente e em todos os sentidos, nos demais dominios da nossa faina quotidiana, tendes agora, e deveis ter, o maior prazer, a mais legitima satisfação de attingirdes este apice e contemplardes atraz de vós quanto andamos, subimos, progredimos, melhoramos, nessas tres memoraveis semanas.

Não nos illudamos, porém, sobre o resultado attingido: se é incontestavelmente muito, reconheçamos com coragem que muito mais é o que nos falta andar, subir, progredir, melhorar. E por isso é que nos programmas para a instrução dos sargentos no tempo restante do 1.º período, programmas que estão promptos e de que estou inteirado, existe a previsão de que os Srs. Cmts. de G. inserirão por iniciativa sua, de accordo com o que observarem ou por solicitação dos instructores e cmts. de bia., lições em prolongamento das do programma de Dezembro.

Seja como fôr, levando em conta que foram só tres semanas de trabalho, reconhecemos com agrado que muito é o que se fez e reflectimos corajosamente que muito é o que resta a fazer, demandando como sempre e acima de tudo o zelo pessoal de cada um, principio soberano da nossa competencia profissional, encerrado no n. 1 do art. 421 do R. I. S. G.: «Ter pelo preparo proprio e pelo de seus subordinados a dedicação que o sentimento do dever militar, de dignidade e honestidade profissional exijam».

Uma coisa sobre todas recommendo aos Srs. monitores que observem quando no exercicio da sua função de agentes, ministros do ensino aos nossos homens: Não se degradem pela propria insciencia ou irreflexão ou desattenção ao chato papel de méras machinas de emitir vozes de commando; observem sempre e sempre, vigilantemente, a execução do que commandem, e corrijam infatigavelmente as incorrecções que occorram. E este um principio geral, fundamental da arte de commandar e que leva ao fracasso quem o esquece: não se deve ordenar, commandar senão o que possa ser executado; sempre se deve fiscalisar se é executado o que se ordenou, commandou.

Mais alguns conselhos. Prevejam as principaes incorrecções que costumam apparecer nos principiantes e applicuem este outro principio: ensinando como se faz correctamente determinado exercicio, mostrem tambem quaes os principaes erros que poderiam ser commettidos e que devem ser evitados.

Não sejam impacientes com os seus instruendos; se pudessem da 1.ª vez acertar tudo, na 1.ª semana ficar sabendo tudo, não precisavamos levar o anno inteiro a trabalhar e a retocar; o serviço militar poderia durar menos e, sem duvida, o Governo, sempre atropellado pela ansia de fazer economias, já teria decretado a redução do tempo do serviço militar.

Releiam de vez em quando os magnificos principios do R. I. S. G. relativos á norma de conducta do instructor ou monitor. E sempre

que tenham a cumprir uma tarefa de instrução repassem na respectiva parte do Regulamento uma cuidadosa leitura; por mais competente que seja o instructor, mesmo que se trate de um velho Capitão, inveteradamente traquejado desde tenente, sempre o curso da lição lucrará com essa recapitulação e organização prévia.

Levem o regulamento para a aula e não tenham cerimonia de tiral-o do bolso e ler o passo que venha ao caso, quando surgir alguma duvida.

Para isso, fundamentalmente, está claro, tratem de possuir os regulamentos. Já é um testemunho de falta de zelo, um sargento não possuir os regulamentos de que necessita, felizmente bem poucos. A bibliotheca regimental, segundo diz o art. 87 do R. I. S. G., incumbese da encomenda; o livro sahe mais barato do que se o comprador mandasse elle mesmo buscar-o pelo correio, e o Regimento facilita a paga em prestações.

Não quero alongar esta palestra com detalhadas referencias aos diversos assumptos da instrução que figuraram no programma ora desenrolado. Provavelmente, e com mais oportunidade, os Srs. Cmts. de G. o farão por occasião da abertura do segundo curso, em Janeiro. Contudo, quero recommendar-vos, por exemplo, um estudo ainda mais apurado, e uma execução ainda mais exacta do R. Cont., porque tem um prodigioso effeito psychologico a correcta observancia da tradicional etiqueta militar, conjuncto de regras tidas e havidas por boas, nas mutuas attitudes a conservar entre os militares, conforme a situação; attitudes sempre de deferencia, acatamento, attenção. E quem diz effeito psychologico, tem dito effeito sobre todas as faces do bloco inteiro que deve ser o valor militar do soldado.

Não resisto á tentação de precisar um ponto capital nesse particular de continencias: é o acto de encarar o superior. Isso é elemento capital em qualquer continencia, seja qual fôr a situação em que se applique. Sem encarar o superior, sem «olhar-o nos olhos», não é continencia. Sem encarar o superior, a continencia não tem ponto de applicação, parece feita no vacuo, parece abstracta, quem sabe feita a algum invisivel superior, habitante no mundo.

Não vou desmentir a affirmacão de que não quero aqui entrar em pormenores. Os nossos homens vão agora desfructar uma dispensa de Natal e Anno Bom e passados 15 dias estaremos todos de volta, a postos, retemperados elles pelo sadio contentamento de haverem visitado os seus, logo no principio da separação, que é quando ella mais pesa, e todos nós archi-promptos para fazer e exigir que nossos subordinados façam mil e uma cousas das que preparam, perfazem o soldado e o mantem no mais alto nivel. Até ao fim de Janeiro o pessoal das duas chamadas ha de estar homogenizado e o aspecto do pessoal do 4.º R. A. M. ha de ter tomado seu facies definitivo. No começo de Janeiro, então, como já disse, terão maior utilidade, pela immminencia da applicação, certas recommendações sobre detalhes da instrução.

Vamos hoje separar-nos aqui com a consciencia do dever cumprido e com o tacito compromisso de «sustentar o fogo, que a victoria é

nossa». E é com especial agrado que aqui consigno uma observação muito significativa, que como eu, todos vós haveis de ter feito nestes ultimos dias.

Com a elevação do nivel da instrução dos sargentos, foi se impondo a reflexão de que na tropa nem só a instrução é tudo. Concedamos, e com toda a justiça, que a instrução é de facto a mola real de tudo. E' o que fica entre nós praticamente comprovado. Com o comer vem a vontade. Por outra: o comer e o coçar, a questão é começar. Embora no principio faltasse o apetite a alguns... com a instrução veio o gosto por ella, veio o desejo de saber e de fazer e esse desejo estendeu-se para fóra do ambito da instrução.

Diz o R. I. S. G. em seu artigo 161 que «os sargentos são auxiliares do Capitão e dos subalternos na instrução, disciplina e administração da bateria». Na administração: Confessemos que isso andava seu tanto no olvido; era um viveiro abandonado, inexplorado, rico entretanto de recursos capazes de proporcionar resultados surpreendentes na boa ordem de todas as numerosas coisas e coisinhas, em geral tão aborrecidas, que entendem com o alojamento, o fardamento, o armamento, o equipamento, a montaria e o arreamento das praças. Diz ainda o R. I. S. G. em seu artigo 165, n. 4, que aos 2.ºs e 3.ºs sargentos compete verificar se as suas praças tratam e arrumam o que lhes pertence ou lhes está entregue e os artigos 213 e 214 encerram prescrições peculiares á artilharia quanto á contribuição dos sargentos nas questões de administração.

Tive grande prazer ao constatar que em todas as baterias já se vão applicando tão sabios preceitos. E maior, e crescente, e constante, ha de ser o prazer dos cmts. de bias, á vista dos fructos que d'ahi terão multiplos e fartos. Cada bia. está dividida em quatro peças, cada chefe de taes peças tem organicamente o seu substituto e no impedimento do chefe funciona automaticamente o seu immediato. Essa organização visa não só a instrução, mas, e muito principalmente, a administração. Digo principalmente, porque para a instrução o pessoal pôde sair e sahe de vez em quando, cada dia, ou em definitivo, da alçada de um chefe de peça para a de outro, o que se não dá na administração. Cada chefe de peça sabe que além da sua carga colectiva, que lhe está distribuida (artilharia, cavallos, etc.), tem que zelar meticulosamente por seus homens, sobretudo educal-os na boa ordem e no asseio do seu corpo e dos objectos de uso, especialmente da cama e roupa de cama — guerra aos Exercitos do Codomano — e dos uniformes; mesmo na instrução e na faxina ninguem deve andar roto, Ou á lavadeira remenda ou o proprio homem maneja a agulha e a linha e a arrecadação da bateria fornece subsidios para as tapagens. Os chefes de peça devem fazer questão de não ter um homem que não saiba cozer um botão, remendar um rasgão da roupa. Do equipamento faz parte o material de costura e em manobra ou campanha não ha de chamar a lavadeira para applical-o.

Com esses cuidados, não mais vêr-se-á o que ha dias viu uma commissão de exame de fardamento. Examinava-se roupa de cama, inclusive a distribuida. Arregaçada uma colcha, des-

cobre-se um lençol, nada, absolutamente nada limpo. O Cmt. da bia., ruborizado, murmura «e ainda hontem se ensinou aos homens que não devem deitar-se de pés sujos». Diz o Cmt. do G.: «parece que este era um dos plantões de folga, e traquejado: dormiu de botinas. E vae o intendente, com o seu olhar magoado, a traspasar o colchão até o fundo «elle dormiu mas foi de esporas» e apontava um rasgão no lençol.

Antes de concluir, quero lembrar a utilidade do caderno de notas para algebeira, onde cada sargento tenha a relação de tudo que está a seu cargo, homens, cavallos e material e v. annotando as alterações occorridas; por exemplo, data de distribuição, datas de ferragens etc., etc., etc.

Tenho dito.

(Prelecção do cap. Klinger, em reunião dos officiaes e sargentos do 4.º R. A. M., a 22-12-1922).

Um additamento de boletim

Cdo. DO G.: — Minha investidura no cdo. do 1/4.º R. A., após um desligamento de duas semanas, decorridas da promoção á classificação, tem meramente o caracter de uma recondução. Desde minha chegada a este R., a 1.º de Junho do anno p. p., outra coisa não tenho nelle feito senão commandar este Grupo, a titulo interino, exceptuando apenas uns dez dias de exercicio das funcções de fiscal.

Assim, portanto, sob o ponto de vista do nosso serviço commum, das nossas relações profissionais e correlato entendimento mutuo, não surge oportunidade para mim, nem motivo para meus commandados, quer para formular projectos — que estão conhecidos — nem para conceber interrogações — que já estão respondidas.

Sob o ponto de vista pessoal do accesso que afinal me tocou, quasi por antiguidade, tambem não descubro causa para expansões. Não se choquem os meus camaradas, especialmente os Srs. officiaes, com esse como impeto de immodestia. E' uma questão de sinceridade, e sempre tive por norma a convicção de que em certos casos «modestia é cobardia», segundo o dizer incisivo em que a traduz o nosso distincto camarada Cap. Corrêa Lima.

Com effeito: Em Setembro de 1920 lograva eu a inclusão do meu nome, pela primeira vez, na lista triplice para a proposta de promoção por merecimento. Tinha então quasi tres annos de capitão, quasi dezoito de official. Devi tão alta distincção ao voto unanime da commissão de promoções, constituída pelos Srs. Generaes Barbedo, Cypriano Ferreira, Andrade Neves, Ribeiro da Costa, Dias de Oliveira e Rondon, presidida pelo saudoso marechal Bento Ribeiro, o leal e valoroso soldado — ninguem mais do que elle amigo de sua classe — o devotado e nobre cidadão — ninguem mais do que elle adepto decidido da ordem, do direito, da justiça, entusiasta do progresso, da grandeza de nossa Patria.

Não vem aqui ao caso examinar a razão (?) da longa «quarentena» de 27 mezes, pela qual passei, de então até a recente promoção — a primeira na especie decretada pelo novo go-

mo. Vejamos ali que ha uma grave imperfeição na nossa lei de acesso, em permittir a sua lettra semelhante aberração, ao talante despotico, sem recurso legal, de um detentor da magistratura suprema do paiz.

O que vem ao caso é o meu licito desejo de convidar meus camaradas a meditarem sobre o que me succedeu, desejo esse que se enquadra inteiro no papel de educador, inherente ao pleno exercicio das funcções de todo chefe.

A minha conducta responde se esta exhortação estriba-se ou não, ao demais, na auto-convencido, o hei dado durante tão exquísita situação e em toda a minha vida profissional anterior.

O verdadeiro officialato é um sacerdocio e por isso o official que assim o exerça, como deve, tem que manter no seu proceder uma trilha absolutamente cega ás asperezas do caminho.

O verdadeiro official, sempre em marcha com rumo ao cumprimento do dever, tem que ser superior ao tempo, tem que não ceder ás tentações da sombra, do abrigo, da commodidade, proporcionadas pelos atalhos, que illudem a estrada real do dever. Nem póde o verdadeiro official desvirtuar as suas faculdades, empregando-as em saciar a cobiça subalterna, degradante, de agradar a todo transe ou pelo menos não desagradar áquelles que pódem recompensar e instigar ou perseguir e injustiçar.

O official digno tem no incansavel cumprimento do dever o unico treinamento capaz de mantel-o á altura das exigencias de seu posto e de preparal-o para os seguintes. Nem deve deixar-se influenciar pela eventualidade de trahir o dever certos camaradas ou certos chefes, esquecidos de sua responsabilidade, indifferentes á grave significação de funcções que lhes incumbem, chefes que chegam, ás vezes, acastellados na ausencia de textos que travem o seu desenfreamento, a tripudiar sobre os verdadeiros interesses, superiores e permanentes, dos serviços, para melhor satisfazerem seus instinctos pessoases, baixos e, felizmente, transitorios.

Se é certo que imitar os bons exemplos é indicio de bom caracter e essa imitação é o melhor applauso, tambem sem duvida é falta de caracter conduzir-se mal alguem, para isso fazendo biombo ou escudo de mãos exemplos.

O desprezo absoluto aos máos exemplos — na falta de poderes para reprimil-os — é o melhor castigo aos seus autores.

Cumpramos sempre o nosso dever até ao limite de nossas aptidões, cumpramol-o alegremente com o objectivo puro de cumpril-o; cumpramol-o sem medo de errar, sem segundas intenções, visando quicá proveitos pessoases, sem restricções ou contrafacções visando poupar-se a obices de qualquer natureza; cumpramos o nosso dever com ardor, apesar de tudo e de todos, se preciso fór, com a convicção inabalável de que esse é o supremo dictame da dignidade e da honestidade profissionais.

BERTHOLDO KLINGER,
Major Cmt. do Grupo

Pela tradição

Tão cheio de patriotismo como o exercito de hoje, como o de amanhã, formado embora do mesmo elemento-homem, o exercito de hontem, vencido pela superioridade technico-profissional e pratica das phalanges de uma nova geração — sempre promissora como todas as gerações novas! — viu derrocar-se com elle toda a fortificação dos regulamentos antigos e sepultar-se em seus escombros de folhas esfarrapadas e amarellecidas pelo tempo e pelo uso, sem gloria nem echo, a empolgante formalidade da — Continencia á Bandeira!

Coisa tão corriqueira, tão ligada ao *tran-tran journalier* da tropa, tão commum na vida da caserna, mas ao mesmo tempo tão essencial a qualquer regufamentação militar, tão indispensavel á formação da alma do soldado, tão avantajada deante das grandiosas concepções da nação armada e da Patria... ficou todavia esquecida no *pête-niê* dos novos regulamentos, até que resurgiu em Maio de 1921 com o R. I. R. D.

Surgiu, porém, como uma surpresa de Waterloo, donde menos se podia esperar, pois que, evidentemente, o n.º 25 que trata do assumpto, cuida de materia não comprehendida no titulo do regulamento: de inspecções, revistas e desfiles.

Mas surgiu deformada, resuscitou sob outras roupagens, dir-se-ia para acompanhar o modernismo da epoca, modificando toques essenciaes que lhe compunham a solennidade, rompendo com a tradição n'aquillo que não envolve evolução, provocando a memoria das passadas gerações que defenderam esta mesma Patria nos campos de batalha e sentiram melhor do que nós, 50 annos atrás, o prestigio glorioso das tradições que formam a aureola do sagrado Larbaro!...

Rompendo com uma praxe secular, jámais alterada ao sabor dos ventos novos de tantos regulamentos mudados, ao emvez de fazer com que o porta-bandeira, conduzindo o symbolo da Patria perfilado e desfraldado, avance ao passo grave que lhe emprestava tão augusta imponencia, ao som do Hymno Nacional e das marchas batidas dos tambores e das cornetas ou clarins; ao emvez de metter em forma a Bandeira ao calor retumbante da musica; o R. I. R. D. faz o porta-bandeira estacar deante da tropa a 30 m. de distancia e nessa posição aguardar que cesse o estrugir dos sons marciaes, para depois, então, terminada a continencia, avançar e entrar em fórma, envolvido no silencio tumular que sempre succede aos grandes acontecimentos imprevisos... D'esta fórma, a Bandeira atravessa esses 30 metros, solente sempre pelo seu valor intrinseco, mas como que envolvida no crepe da tristeza, que é sempre irrnã gemea do silencio.

Demais, qual a vantagem, não me dirão — pergunto aos quatro ventos, mas dentro do meu Paiz — qual a vantagem obtida com semelhante modificação? Qu'importa que em outras nações se proceda de diverso modo, quando aqui minca fizemos coisa differente?

Parece uma questão de somenos importancia; reflectindo bem, acredito entretanto, todos os meus camaradas reconhecerão que envolve asumpto muito serio tudo o que tenda a deturpar

as sagradas tradições do Exército Nacional e da Patria Brasileira, porque a patria que não zela pelas suas tradições soffre de um mal incurável que a leva á morte.

Só não abrigo semelhante temor em meu peito, porque tenho certeza de que em breve restabeleceremos entre outras tradições esta, da continência á bandeira, tal qual como a executavam as tropas dos nossos avós e dos nossos paes,

tal como a aprendi: tudo que é fictício, tudo que não tem raizes nas tradições e nas tendências naturaes de um povo, está fadado irremediavelmente a uma existencia ephemera!

S. Gabriel, 24 de Janeiro de 1923.

AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES

Major de Engenharia

NOTAS SOBRE A HISTORIA MILITAR DO BRASIL

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(Continuação)

Expedição contra a columna do major Duarte

O general David Canabarro havia solicitado ao commando geral dos alliados, então em Concordia, alguns reforços, que não foram enviados, posteriormente resolvendo os alliados, em conselho, marchar elles proprios em soccorro de Uruguayana, assentando ainda que, como operação preliminar, era preciso bater a columna do chefe Duarte, que marchára pela direita do rio Uruguay.

Foi designado para essa operação preliminar o general Venancio Flôres, que não poderia contar com o auxilio da esquadra, em virtude das aguas do rio terem baixado na occasião.

O general Flôres iniciou seu movimento a 18 de Julho, á frente do exercito oriental, apenas de 2.440 homens, de 4 batalhões de infantaria brasileiros, do regimento de cavallaria argentino denominado San Martin e de 8 canhões, tudo no total de 4.200 homens, tendo como auxiliares os chefes Goyo Soares, Henrique Castro, Nicasio Borges, Leon de la Paljeja, orientaes, e José Rodrigues Coelho Kelly e Fidelis Paes da Silva, brasileiros.

Os caminhos estavam pessimos e o frio intenso, mas a columna avançou, o commando geral ordenando que o general Paunero, em observação no interior da provincia de Corrientes, marchasse em auxilio do general Flôres.

A 13 de Agosto as duas forças se juntaram, ficando a expedição augmentada de 4.500 homens e 24 bocas de fogo, e ambas proseguiram na direcção do adversario, o general Madariaga, com sua cavallaria argentina, fazendo a vanguarda.

O adversario estava nessa occasião em Passo de los Libres, em frente á Uruguayana, na margem opposta do rio, e dispunha de 3.500 homens.

Avisado da approximação da columna alliada, o chefe Duarte pediu reforços ao coronel Estigarribia, mas este, que tambem não se sentia seguro, respondeu-lhe que «só poderia offerecer-lhe um official bravo para commandar a divisão que operava na margem direita do Uruguay, unica necessidade de que ella se sentia».

Estimulado por essa resposta, o chefe Duarte tratou de aprestar-se para a lucta, retirando-se

da villa e indo procurar posição junto ao arroio Yatahy, aproveitando-se dos valles, cercos e dobras do terreno para sua defesa.

O local por elle occupado tinha o nome de Umbusito.

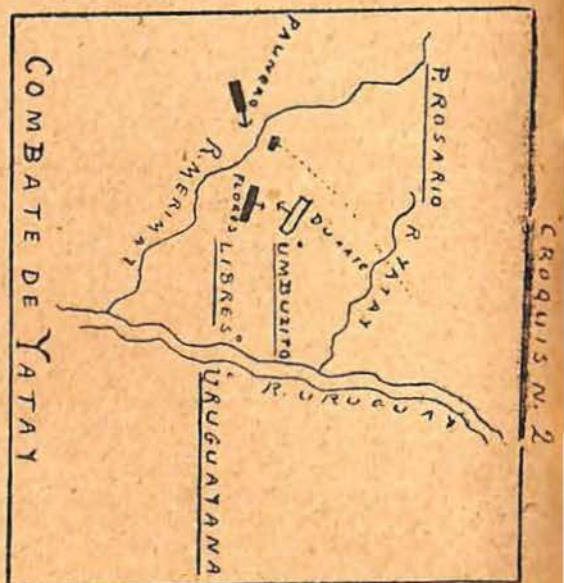
Dahi avançou elle na direcção dos alliados mas, tão depressa reconheceu sua inferioridade numerica, retrocedeu para o ponto de partida.

Os alliados haviam então attingido o arroio Capiquisé, onde esperavam receber o choque do adversario; mas, tal não tendo acontecido, avançaram elles a 19 sobre Passo de los Libres em linha de columnas, seguindo na vanguarda a brigada de cavallaria do general Madariaga, apoiada por outra brigada, commandada por Goyo Soares.

Tão logo essa cavallaria avistou o adversario abrigado nos accidentes do terreno, passou para o flanco esquerdo da columna, desbarbando-lhe a frente.

Travou-se, então, o combate.

Combate de Yatahy



O general Venancio Flôres, avistando o adversario em posição, adeantou-se um pouco com a infantaria oriental, o 16.º batalhão brasileiro e a artilharia, procurando estabelecer a linha

o combate, feito o que algumas companhias de artilhadores, avançando, rechassaram os paraguayos de sua primeira linha de defesa, não obstante apoiada ao longo dos valles existentes.

Em defesa da linha, a cavallaria inimiga carregou sobre as companhias alliadas, mas um regimento oriental embargou-lhe a carga, travando com ella violento choque á arma branca e rechassando-a, afinal, depois de infligir-lhe algumas perdas.

Assim brilhantemente defendidas, as companhias alliadas conseguiram alcançar a 2.^a linha adversaria, rechassando-a.

Nessa occasião chegaram as forças do general Paunero, que logo tomaram posições para a lucta.

O general Flôres ordenou então que uma bateria de artilharia do commandante Nicasio avançasse, mas esta, em sua marcha de accesso, emborçou-se nas depressões do terreno, de modo que o general Paunero, observando o incidente, fez avançar uma bateria argentina, que entrou logo em acção.

Travado o combate, os paraguayos tiveram de ceder o terreno deante do formidavel choque dos alliados, que avançaram resolutos, a despeito da bravura extrema com que o inimigo pelejava.

O chefe Duarte em vão procurou restabelecer a ordem em suas linhas, suas tropas a nada attendendo e recuando desordenadas em direcção ao passo do arroio Yatahy.

Aproveitando a situação, a cavallaria aliada entrou em acção, aprisionando, graças a um movimento envolvente habilmente realiado, 600 paraguayos, entre os quaes o proprio chefe Duarte, que immediatamente entregou a espada.

Sem commando, maior tornou-se a desorientação do adversario, que, encontrando por fim o passo do arroio Yatahy occupado pela cavallaria dos chefes Madariaga e Goyo Soares, outro recurso não teve senão a fuga em desordem.

Os paraguayos tiveram na acção 1.700 mortos, 1.200 prisioneiros, inclusive o commandante Duarte, e 300 feridos, perdendo 4 bocas de fogo, 4 bandeiras, muito material bellico, cavallada, etc.

Cahiram tambem prisioneiros neste combate os coroneis orientaes Apparicio e Orrego, que serviam na columna paraguaya.

Os alliados tiveram 83 mortos e 217 feridos, dos quaes 17 officiaes, inclusive o bravo coronel Fidelis Paes da Silva, do 16.^o regimento de — *combate de Yatahy* ou de *Um-buzito*.

Esse combate é conhecido geralmente com os nomes de — *combate de Yatahy* ou de *Um-buzito*.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — Os alliados alcançaram o objectivo procurado, que era a derrota da columna do chefe Duarte, e o fizeram com tal felicidade que aprisionaram até o proprio chefe paraguayo.

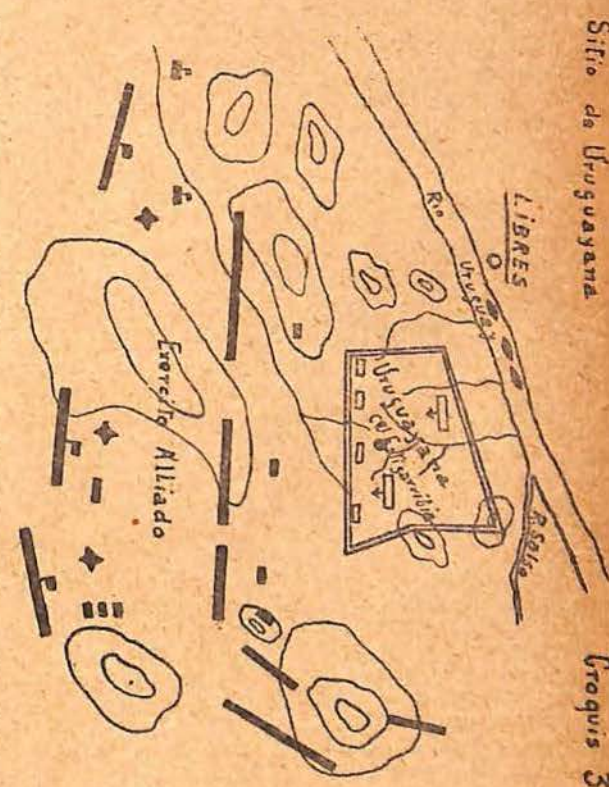
Entretanto, deveriam ter ordenado que a columna do general Paunero, mandada em auxilio do general Flôres, convergisse directamente para a retaguarda do adversario, occupando o passo do arroio Yatahy.

Desse modo a victoria teria sido muito mais facil e a operação mais de accordo com as normas da arte da guerra.

Paraguayos. — O chefe Duarte, avançando para Umbuzito, cuja posição lhe pareceu mais favoravel á projectada resistencia, commetteu a grave imprudencia de deixar á mercê dos golpes adversarios o passo do arroio Yatahy, cuja posse lhe era de capital importancia, resultando dahi o enconral-o occupado quando precisou retirar-se por esse ponto.

De facto, quando se estabelece um plano geral de combate, seja elle offensivo ou defensivo, jámais se deverá esquecer a hypothese do insuccesso, pois na guerra os melhores planos muitas vezes fracassam inesperadamente. Portanto, o commando precisará sempre assegurar previamente uma linha de retirada, afim de que um simples insuccesso não se converta em completa derrota, tal como se deu no caso considerado.

Rendição de Uruguayana



Encerrado em Uruguayana, o coronel Estigarribia não pudéra tomar parte com sua columna no combate de Yatahy, limitando-se a ouvir o troar da artilharia e da fuzilaria na margem opposta do rio Uruguay.

O general Flôres, porém, após o combate, communicou ao general Caldwell o successo obtido e ambos enviaram então uma intimação ao coronel Estigarribia para que se rendesse, sendo garantidas as vidas de todos, desde que depuzessem as armas.

O chefe paraguayo repellio a intimação com arrogancia, declarando que aneciava exactamente

pelo momento de medir-se com seus adversários no terreno da lucta.

A' vista disso, os alliados, com os reforços recebidos, começaram a apertar o sitio.

O inverno transcorria terrível, officiaes e praças morrendo enregelados nas avançadas, de modo que a situação do adversario se tornava insupportavel.

Cançado, afinal, de esperar pelo assalto e vendo que de dia para dia a situação piorava, resolveu o coronel Estigarribia forçar as linhas alliadas.

Assim, pela madrugada de 19, tomou elle a offensiva com extrema impetuosidade, mandando incendiar previamente as carretas e tudo quanto pudesse tornar morosa a sua marcha.

Entretanto, não foi feliz na empreza, pois que, mal investio elle contra os alliados, o bravo 17.º corpo de guardas nacionaes penetrou na povoação, atacando a guarda da retaguarda da columna inimiga e só retrocedendo quando a referida columna regressou ás trincheiras.

No dia immediato, chegou afinal o general barão de Porto-Alegre, nomeado commandante das forças em operações no Rio Grande do Sul, lançando ferros no mesmo dia de frente a Uruguayana os vapores de guerra *Taquary* e *Tramandahy*, com algumas tropas de reforço e 2 chatas, esses vapores, auxiliados pelo *Uruguay*, iniciando immediatamente o transporte das tropas dos generaes Flôres e Paunero para a margem esquerda do rio Uruguay.

O novo commandante assumio suas funções a 20 de Agosto e desde logo perpassou pelas tropas um freneto de alegria.

Pouco depois, no dia 31, o vice-almirante Tamandaré, em um pequeno navio, appareceu de frente ao Passo de los Libres, descendo a conferenciar em terra com os chefes alliados alli presentes.

Nessa conferencia as opiniões dividiram-se. Os chefes Flôres e Paunero opinavam pelo ataque immediato a Uruguayana, mas assim não pensavam os chefes brasileiros, visto como tinham elles noticia de que D. Pedro II para alli se encaminhava, assim como sabiam que novos reforços já estavam em marcha.

Além disso, o ataque a Uruguayana redundaria na destruição da villa e os generaes brasileiros, judiciosamente aliás, queriam poupal-a.

Ficou resolvido, então, na conferencia, enviar-se uma segunda intimação aos paraguayos, para que se rendessem, o que foi feito a 2 de Setembro.

O chefe Estigarribia, porém, mais uma vez recusou capitular, o que declarou a 5 em termos como sempre arrogantes, e essa conducta foi consequencia do boato então corrente de que o dictador Solano Lopes, á frente de 25.000 homens, marchava acceleradamente em soccorro do referido chefe, conforme solicitação sua.

A' vista da recusa do coronel Estigarribia, o vice-almirante Tamandaré regressou a Concordia, afim de conseguir algum reforço de infantaria, e ahí convidou o general Bartholomeu Mitre a ir a Uruguayana, onde era esperado D. Pedro II.

O general argentino acceitou o convite, passando o commando das tropas ao general Manoel Luiz Osorio.

Embarcaram Mitre e Tamandaré a bordo vapor *11 de Junho*, acompanhados de um forço de infantaria transportado a bordo *Iniciador*, chegando a 10 de Junho em Uruguayana.

Ahi se achava o ministro da guerra, Angelo Ferraz, posteriormente barão de Uruguayana, que fôra preparar a recepção do monarcha brasileiro.

O adversario preparava-se para a resistencia arrazando as casas da entrada da villa, reprimando as fortificações, etc., no dia 8 obtendo o coronel Estigarribia permissão dos sitiados para que as familias se retirassem.

O imperador chegou na manhã de 11 acampamento alliado, mandando erguer a sua tenda na linha brasileira, e pouco depois chefes se reuniram de novo em conselho.

Os generaes Mitre e Flôres opinavam pelo ataque immediato aos paraguayos, mas os chefes brasileiros não concordaram ainda dessa vez. Consultado a respeito, D. Pedro II apoiou a opinião dos chefes patricios, entendendo que o ataque só deveria ser realisado depois de exgotados todos os meios suasorios.

Pela Constituição brasileira, o imperador não podia assumir o commando das tropas, mas nem por isso sua opinião deixava de ser acatada, como devia ser.

A situação das tropas sitiadas piorava diariamente e o chefe Estigarribia planejou a fuga, do que foram os alliados informados por um desertor paraguayo que se apresentára faminto e que dissera que os seus patricios já lançavam mão até dos cães e dos ratos como alimentos.

Com essa noticia, os sitiados apertaram o cerco, redobrando a vigilancia para evitarem fuga do adversario.

Uma columna commandada pelo general oriental Henrique Castro aprisionou uma patrulha que transportava correspondencia de Estigarribia para o dictador Lopez e, graças á vigilancia incessante dos sitiados, não pôde o chefe paraguayo realisar o seu intento de fugir para o Passo de los Libres, apezar de haver preparado os necessarios elementos para isso, canoas, jangadas, etc.

Pela manhã de 18, porém, os alliados prepararam o ataque, pouco antes decidido.

Assim, 12.393 brasileiros, com 22 peças, 3.802 argentinos, com 24 peças, e 1.220 uruguayos, com 8 peças, approximaram-se das trincheiras adversarias, circulando-as em columna de ataque.

No centro viam-se D. Pedro, seus ajudantes e o ministro da guerra, tendo o vice-almirante Tamandaré e o chefe de esquadra De Lamar embarcado na frota, composta então do *11 de Junho*, *Taquary*, *Tramandahy*, *União*, *Uruguay* e 2 chatas.

La iniciar-se a acção e antes disso os generaes Mitre e Flôres foram cumprimentados por D. Pedro II.

O barão de Porto Alegre, recebendo as ordens imperiaes, enviou ao coronel Estigarribia, pelo capitão Cruz Brilhante, a ultima intimação para que se rendesse.

Recebendo-a e após algumas objecções quanto ás condições impostas, o chefe paraguayo resolveu render-se, penetrando então na villa dos generaes Ferraz e Caldwell.

Já antes disso, porém, a situação era tal nas feiras sitiadas que varios soldados brasileiros de cavallaria, para divertirem-se, avançavam até as trincheiras inimigas e traziam na garupa dos cavallos soldados paraguayos que se deixavam aprisionar sem reacção, tal o estado faminto em que se achavam. Elles tinham a esperança, que aliás se realisava, de encontrarem o alimento e o carinho que aos proprios adversarios jámais faltaram nos acampamentos brasileiros.

Assignada a capitulação, depuzeram as armas 59 officiaes e 5.131 soldados paraguayos.

O imperador consentio que o chefe Estigarribia conservasse a sua espada, o que não obsteu a que o dictador Solano Lopez posteriormente considerasse o chefe seu patricio como trahidor á Patria.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — A occupação de Uruguayana pelos paraguayos, como vimos, foi obra exclusiva do acaso com que o general Canabarro desempenhára as suas funcções, deixando o inimigo avançar quando poderia ter obstado que elle transpuzesse, como transpoz, os rios Ibicuihy e Toro-passo.

Da conducta do general brasileiro resultou uma perda consideravel de tempo para os alliados, que se estagnaram deante de Uruguayana, enquanto o dictador Solano Lopez arregimentava forças mais consideraveis, augmentando ao mesmo tempo os seus recursos bellicos.

Entrincheirando-se na villa brasileira, os paraguayos neutralisavam em parte a actividade do adversario, pois que surgio a ponderação dos generaes brasileiros, justamente preoccupados em poupar a florescente villa dos horrores fataes de um bombardeio, com o que também concordára, como dissemos, o imperador D. Pedro, embora convencido, como devia estar, de que o factor tempo precisava ser levado em conta, no interesse das operações ulteriores. Quanto mais tempo se perdia no sitio de Uruguayana, tanto maiores os obstaculos futuros a vencer.

Paraguayos. — O coronel Estigarribia por sua vez, encerrando sua columna na praça de Uruguayana, abdicou do grande elemento de successo com que poderia contar — a liberdade de acção — tornando-se voluntariamente prisioneiro desde logo.

E' provavel que elle contasse com o auxilio opportuno do seu chefe supremo, mas mesmo assim não deveria expontaneamente encerrar-se em uma praça forte organizada ás pressas e sem os elementos necessarios a uma resistencia efficaz e prolongada.

Entregando sua linha de communicações ao adversario, pois que a não poderia manter garantida, dada a sua enorme extensão, esqueceu-se elle ainda de que as praças fortes são optimos pontos de apoio, mas são também perigosas ratociras.

O resultado dessas inadvertencias foi a capitulação, que era fatal, e a perda de uma columna que poderia ainda prestar muitos serviços ao seu paiz.

A segurança do serviço de ligação das duas columnas, a do chefe Duarte e a do chefe Estigarribia foi muito mal realisada, dando lugar

a que uma simples lancha a vapor brasileira fosse sufficiente para impedir o serviço, isolando-se as columnas, que desde logo se viram condemnadas a serem batidas por partes, como, de facto, o foram.

Marcha para a fronteira paraguaya

(Carta 2.)

Após a capitulação de Uruguayana, as tropas orientaes regressaram á margem direita do rio Uruguay, a ellas reunindo-se pouco depois em Restauracion (Passo de los Libres) as tropas brasileiras e argentinas vindas de Concordia.

Reunidas, iniciaram ellas, a 1 de Outubro, tendo á frente os generaes Mitre e Flores, o avanço rumo de Mercêdes, para onde já se encaminhavam as tropas alliadas do commando dos generaes Osorio e Gelly e Obes, então na altura de Curuzú-Cuatia.

O imperador percorreu ainda parte da fronteira do Rio Grande do Sul, indo a Itaquy e São Borja, e regressando em seguida para o Rio de Janeiro.

Durante sua estadia no acampamento, recebeu elle uma grata noticia relativa á politica externa: — a rainha da Inglaterra enviára-lhe um emissario com o fim de apresentar-lhe desculpas pelo incidente que motivára em 1863 o rompimento das relações diplomaticas entre o Brasil e a Inglaterra, ficando assim reatadas as relações dos dois paizes.

Em Outubro de 1865, chegou, finalmente, a Mercêdes o exercito aliado, composto de 20.000 brasileiros e 10.000 argentinos e uruguayos, que assim ficaram a 40 leguas do Empedrado, onde o adversario se encontrava.

O general Cáceres, com sua cavallaria corrientina, continuava hostilizando o inimigo, que já não estava ahi commandado pelo general Wencesláo Robles, mas sim pelo coronel Isidoro Resquin, mandado buscar em Matto Grosso, promovido a general e nomeado substituto de Robles.

Este havia sido preso, destituído do commando por intrigas de seus patricios e pouco depois fuzilado por ordem do dictador Solano Lopez.

Reconhecendo, afinal, que lhe haviam falhado todos os planos de invasão efficaz, o presidente paraguay decidiu retirar a columna de Corrientes para o territorio do seu paiz, onde passaria então á defensiva.

A 23 de Outubro estava o general Resquin com suas tropas em territorio paraguay, sem ter sido perturbado pela esquadra brasileira, que encontrára sérias difficuldades na navegação.

A esquadra só conseguiu atttingir Corrientes no dia 25, já lá se achando desde 23 o general Cáceres com sua cavallaria.

Então o general Cáceres combinou com o chefe Barroso cortarem a retirada das tropas do chefe Diaz, que ainda se achavam no territorio corrientino e tinham protegido a passagem do grosso das tropas paraguayas, mas essa operação fracassou, pois que, quando o chefe Alvim, posteriormente vice-almirante barão de Iguatemy, encarregado da operação, atttingio com seus navios as Tres Barras, já o adversario se havia posto a salvo.

Durante sua estadia em Corrientes, os paraguayos arrebanharam e transportaram para o seu paiz mais de 100.000 rezes.

A 23 de Dezembro, o general Osorio chegou com suas tropas a Lagoa Brava, 1 legua apenas aquem de Corrientes, após penosa marcha de 100 leguas, a partir de Concordia, por sua vez a columna argentina alcançando São Cosme, e as tropas orientaes ás ordens do general Flóres em Itati.

Nessa situação permaneceram os alliados durante 4 longos mezes, preparando os elementos para transporem o rio Paraná!

Nada menos de 42.200 combatentes, dos quaes 30.000 brasileiros, alli estavam nas proximidades do Passo da Patria, sendo que a esquadra havia augmentado o seu effectivo.

Entretanto, o marechal Solano Lopez soubera aproveitar bastante todo esse tempo. Mandára fortificar poderosamente o Passo da Patria, que os alliados pouco depois tiveram de forçar á custa de dobrados sacrificios.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — Depois da rendição de Uruguayan, o avanço rapido para a fronteira era uma operação que se impunha, pois que o adversario, então no Empedrado, estava arrebanhando em Corrientes toda a sorte de recursos de que dispunha essa provincia argentina.

Basta dizer que só em gado, como dissemos, haviam sido arrebanhadas e transportadas para o Paraguay mais de cem mil cabeças.

Demais, a toda demora na invasão do territorio inimigo corresponderia um augmento proporcional dos meios de resistencia do dictador Lopez.

Entretanto, parece que assim não pensaram os alliados, que se arrastaram penosamente pelas estradas sem disso se aperceberem, dando ensejo a que o adversario se retirasse tranquillamente de Corrientes, levando tudo quanto foi possível transportar.

Apenas o general Caceres procurou cumprir o seu dever, hostilizando quanto possível o adversario. Se mais não conseguiu elle, foi porque lhe faltou o concurso opportuno da esquadra no momento em que ainda era possível cortar a retirada das ultimas tropas paraguayas.

Parece que aos alliados, ao mando do general Mitre, só era racional pegar o touro pelas garras, como se diz na gíria popular.

A idéa de manobra não lhes sorria nunca.

Paraguayos. — Os paraguayos, a principio sob as ordens do general Wenceslao Robles e posteriormente sob as do general Isidoro Resquin, desempenharam regularmente a missão que lhes fôra confiada: arrebanhar todos os recursos possíveis na provincia invadida e subverter a população corrientina, se bem que fossem infelizes nessa segunda parte da missão.

A propria retirada, depois que o presidente Lopez decidio passar á defensiva, foi habilmente realisada, como vimos, pois que até o destacamento de protecção á passagem do rio, operação delicada e perigosa, dada a possibilidade de uma intervenção naval opportuna, conseguiu salvar-se a tempo, graças á sagacidade do commandante Diaz.

Combate de Corrales

Os paraguayos quasi que diariamente faziam correrias pelas margens do rio, alarmando tropas alliadas, e em uma dessas correriasprehenderam o destacamento do general Hornos, que fazia a vanguarda das tropas do general Caceres, rechassando-o até o arroyo Pehuajó.

O general Hornos verificou que o adversario havia desembarcado em Corrales e communicou o facto ao commando em chefe, destacou o coronel argentino Emilio Conesa com 1.800 homens e 2 canhões, para reforçar as tropas daquelle general.

Recebendo o reforço, o general Hornos combinou com o coronel Conesa o seguinte plano de destacamento de Conesa se emboscaria, depois de transpor o arroyo Pehuajó, e o general com sua cavallaria, procuraria attrahir o adversario em direcção conveniente.

Posto em execução o plano, os paraguayos cahiram na cilada, atravessando o Pehuajó e perseguição a Hornos, que se retirou para immedições de San Juan. Mas, quando já próximos da emboscada, o coronel Conesa deu o alarme em momento inopportuno, de sorte que os paraguayos retrocederam rapidamente, concentrando-se em Corrales, sitio elevado e aberto.

Contudo, os argentinos tomaram a offensiva, travando a lucta, os paraguayos nessa occasião tendo recebido um reforço de 200 homens ao mando do tenente Saturnino Veiros.

A acção transcorria favoravel aos argentinos que dispunham de 2.500 homens e conseguiram desalojar o inimigo de alguns pontos quando appareceu o coronel Diaz com um reforço de 800 homens para os paraguayos.

Nessas condições, se bem que conservando posse do campo de acção, os argentinos tiveram de desistir de seus intentos, depois de 5 horas de lucta encarnçada.

Uma divisão argentina, do commando do coronel Rivas, marchára em soccorro dos combatentes, mas chegou demasiado tarde, tendo de acampar tambem proximo ao adversario, na manhã seguinte repassou o rio Paraná canoas, hostilizado aliás pela artilharia argentina.

Nesse combate, que se travou a 31 de Janeiro de 1866, os paraguayos perderam 300 homens e os argentinos 402, entre mortos e feridos.

O presidente Solano Lopez considerou como victoriosas nessa acção as suas tropas e instituiu por isso uma medalha commemorativa do feito.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — O combate descripto, de que resultou a perda de 402 argentinos, demonstrou quanto era descuidado o serviço de vigilancia nas margens do rio Paraná, dando lugar a que o inimigo frequentemente viesse surpreender e perturbar as tropas alliadas.

Foi tambem consequencia da inercia em que se quedaram os alliados, acampados durante 4 longos mezes ás margens do rio, á espera de recursos para transpor-o.

Parece mesmo incrível que um exercito se paralisasse deante de um obstaculo sobejamente conhecido por falta de recursos para vencel-o!

Paraguayos. — Como operação de pequena guerra, que afinal era a predilecção dos paraguayos, o combate de Corrales produziu alguns resultados, mas que aliás não foram compensadores do sacrificio despendido.

A inercia lamentavel do commando em chefe

aliado forneceu-lhes oportunidades de sobra para operações de muito mais vulto e mais proveitosos resultados, mas elles não souberam aproveitar-se da situação, contentando-se com ligeiras escaramuças sem valor algum tactico nem estrategico, por sua vez perdendo tempo improduttivamente.

(Continúa)

CAP. NILO VAL.

FACTOS & NOTAS

GRUPO MANTENEDOR

Foram eleitos membros do nosso Grupo Mantenedor os capitães Sylvio Lourenço Schieder e Alcides de Mendonça Lima.

MARECHAL CELESTINO ALVES BASTOS

Falleceu inesperadamente a 9 do passado o marechal reformado Celestino Alves Bastos, que até Julho do anno findo occupára com brilho o alto cargo de chefe do Estado-Maior do Exercito.

Era praça de 18 de Janeiro de 1872, alferes-alumno de 23 de Janeiro de 1877, 2.º tenente de 25 de Maio de 1878, 1.º tenente de 25 de Julho de 1880, capitão de 25 de Junho de 1884, major de 4 de Abril de 1893, tenente-coronel de 29 de Novembro de 1901, coronel de 5 de Agosto de 1908, general de brigada de 8 de Abril de 1914 e general de divisão de 28 de Junho de 1199. Tinha o curso de artilharia pelo reg. de 1874, era engenheiro civil pela Escola Polytechnica e commendador da Legião de Honra.

Official de grande prestigio pelas suas virtudes civicas e militares, sua morte foi dolorosamente sentida por todo o Exercito, que sempre o teve como um dos seus mais brilhantes elementos.

GENERAL DE BRIGADA JOÃO AUGUSTO CURADO FLEURY

O Exercito Nacional passou pelo rude golpe de perder ha pouco, nesta capital, um dos seus mais prestimosos membros, o coronel João Augusto Curado Fleury, promovido a general depois do seu fallecimento por um acto de grande justiça do governo.

Era praça de 7 de Fevereiro de 1890, alferes de 3 de Novembro de 1893, tenente de 24 de Dezembro de 1902, capitão de 30 de Dezembro de 1909, major de 28 de Outubro de 1914, tenente-coronel de 8 de Fevereiro de 1918, coronel de 14 de Fevereiro de 1920. Tinha o curso geral pelo reg. de 1898 e era da arma de cavallaria.

Deixou entre os seus camaradas uma profunda saudade, pois que sempre se caracterisára pelas virtudes que possuía em alto gráo.

GENERAL VIRIATO CRUZ

Falleceu tambem ha pouco o general reformado Viriato Cruz, que foi da arma de cavallaria e se reformára no posto de coronel.

Tinha um longo passado de serviços, quasi todos prestados nas guarnições das fronteiras do Rio Grande do Sul.

MARECHAL PEREIRA FORTES

Foi sepultado a 16 do passado, nesta capital, o corpo do marechal reformado Francisco de Paula Pereira Fortes, um dos veteranos da guerra do Paraguay.

Nasceu em 1840, tendo sido reformado em 1892, com 41 annos de serviços, e possuindo as medalhas de campanha concedidas pelo Brasil, pela Republica Argentina e pelo Uruguay.

REPRESENTANTES D'A DEFESA NACIONAL

Acabam de honrar-nos, acceitando as funcções de nossos representantes, os seguintes camaradas:

Tenente-coronel Euclides Bandeira, junto á 2.ª Linha, em Curitiba;

Capitão Herculano de Assumpção, junto ao gabinete do M. G.;

1.º Tenente Henrique Loureiro, junto ao D. C.;

1.º Tenente Maurilio Monteiro, junto á C. A.;

1.º Tenente Adalberto M. de Andrade, junto ao forte do Vigia;

Sargento Gregório E. de Souza, junto á Escola de Sargentos de Infantaria;

Alumno Newton O. de Souza, junto á Escola Militar;

1.º Tenente Raymundo V. Fontenelle, junto ao 27.º B. C.;

Capitão Victor F. Lapagesse, junto á Fabrica da Estrella;

1.º Tenente José Gabriel Marques, junto á Força Publica de Minas;

1.º Tenente Celestino E. de Oliveira, junto á 2.ª Linha, em Bello Horizonte;

1.º Tenente José Fedullo, junto ao 3.º Batalhão de Engenharia;

1.º Tenente José de Mello Mattos, junto ao 5.º R. A. M.;

Major Dr. A. Alves Cerqueira, junto á E. V. E.

ESCOLA DE CAVALLARIA (Belgica)

Essa Escola, que funcionára provisoriamente em Terweren, passará para Braschaet, onde já se acha a escola de artilharia.

A escola comprehenderá novamente:

1. um centro de estudos technicos;

2. um curso para alferes de reserva, que receberá 80 sargentos;

3. uma escola de sargentos;

4. um curso de aperfeiçoamento para os alferes da activa;
5. um curso de equitação;
6. um curso para officiaes das armas não montadas;
7. um curso de ferradores.

SUBMARINOS DAS GRANDES POTENCIAS

A situação actual é a seguinte:

Estados Unidos	94.600 ton., das quaes 40.808 em construção.
Gran-Bretanha	80.476 ton., das quaes 10.100 em construção.
Japão	32.219 ton., das quaes 22.165 em construção.
França	30.873 ton., das quaes 0 em construção.
Italia	20.257 ton., das quaes 2.616 em construção.

AS 3 MAIORES POTENCIAS MARITIMAS

	Inglaterra	E. U. A.	Japão
Couaçados	16	18	17
Cruzadores	33	16	29
Destroyers	72	83	56
Submarinos	46	80	19
Pessoal necessario	121.709	139.192	82.150

TANK AMPHIBIO

Em Marselha, França, fazem-se actualmente experiencias com um tank que tanto se moverá em terra como em agua, por meio de uma helice de propulsão.

Se as experiencias derem bons resultados, não mais se precisarão das pontes improvisadas.

DISTRIBUIÇÃO DE ARMAMENTO (França)

Acaba de ser alterado o regulamento sobre o serviço de armamento da infantaria no sentido de cada arma individual (fuzil, mosquetão, revolver, sabre, etc.), bem como os accessorios correspondentes, serem adjudicados á classe ou individuo que os usa, o qual será responsável por sua conservação; que cada arma collectiva (fuzil-metralhador, metralhadora, canhão 37, morteiro Stocke, etc.) se affecte ao chefe da fracção menor que a utiliza (chefe de equipe para o fuzil-metralhador, chefe de peça para o canhão ou morteiro, etc.); e que, finalmente, as armas de ensino, de esgrima, de uniforme de passeio, etc., sejam entregues a um individuo ou classe que se responsabilise por ellas.

LIGAÇÃO ENTRE A INFANTARIA E A ARTILHARIA

Nos Estados Unidos, o periodico «The Army and Navy Journal» organisou um concurso com 4 premios, respectivamente de 100, 50, 25 e 15 dollares, para os trabalhos que se apresentem sobre as ligações entre a infantaria e a artilharia. Os trabalhos deverão fundamentar-se nos factos da ultima guerra e definir os meios praticos de realisar as ligações.

OFFICIAES DE COMPLEMENTO

A maioria das universidades norte-americanas estabeleceram aulas constituindo uma Faculdade Militar para educar os futuros officiaes de com-

plemento, tendo como professores officiaes do exercito activo. Isso tem por fim facilitar aos estudantes das Universidades sua preparação para o officialato de complemento, mediante um systema racional e methodico de instrução militar, sem perturbar a carreira civil que cada um siga.

A instrução militar da referida Faculdade consta de 2 cursos: um preparatorio e outro de applicação, cada um delles sendo de 2 annos. Durante o 1.º se estudam as sciencias militares fundamentaes e no 2.º as matérias particulares da arma escolhida pelo alumno. O ensino é theorico, sendo pratico no que fôr possível.

ESCOLA DE ESTRADAS DE FERRO (França)

Esta escola, estabelecida em Versailles, foi supprimida, sendo creada uma «dircção de material ferro-viario», encarregada dos estudos e investigações relativas ao material e á aquisição e conservação delle.

DIVISÃO TERRITORIAL MILITAR

A Tcheco-Slovachia está dividida em 4 regiões militares: Bohemia, Moravia, Slovachia e Karpatho-Ruthenia, cujas capitais são respectivamente — Praha, Bruo, Bratislava e Uzhorod. Em cada região estão 3 divisões de infantaria.

MOBILISAÇÃO FRANCEZA DURANTE A GUERRA EUROPEA

Os contingentes se mobilisaram na seguinte forma:

	Combatentes	Serviços auxiliares
1 Ag. a 30 Set. 1914	3.818.000	168.000
1 Out. 1914 a 31 Dez. 1915	1.428.000	489.000
1 Jan. 1916 a 31 Dez. 1917	723.000	189.000
1 Jan. a 11 Nov. 1918	245.000	15.000
	6.214.000	861.000

Estes algarismos, somados com o effectivo permanente que havia em 1 de Agosto de 1914 (760.000 combatentes e 51.000 dos serviços auxiliares) e mais ao numero de officiaes (195.000) representam um total geral de 8.081.000 homens mobilisados.

Nesse total estão incluídos 260.000 homens das tropas coloniaes da Africa do Sul (176.000 argelinos, 50.000 tunesinos, 34.000 marroquinos) e 215.000 das outras colonias (136.000 senegaleses, 34.000 malgaches, 42.000 indo-sinos, 3.000 somalies).

SERVIÇO MILITAR

Recentemente a Russia fixou a duração do serviço militar em 1 1/2 annos para a infantaria e cavallaria, 2 1/2 annos para as outras armas e serviços, excepto a aviação, onde a duração será de 3 1/2 annos.

CARROS DE ASSALTO

Appareceram nos Estados-Unidos, em character official, as seguintes normas para o emprego dos carros de assalto:

Abriu-se em Hamburgo uma subscrição popular para a construcção de um grande monu-

mento em honra á memoria dos 5.087 officiaes e marinheiros mortos na grande guerra como tripulantes dos submarinos allemães.

O monumento será erigido nas margens do Elba.

SERVIÇO DE TRANSMISSÕES (Inglaterra)

Este serviço é desempenhado por um corpo especial, chamado Corpo de Signaleiros (Corp of Signals), organizado da seguinte maneira:

a) *Missão.* — Competem ao Corpo:

1.º Todas as transmissões militares pelo telegrapho, telephone, T. S. F., T. P. S., optica, mensagens, até o escalão brigada de infantaria, inclusive. Abaixo desse escalão, as transmissões são realizadas pelo pessoal das pequenas unidades, mas o Corpo de Signaleiros exerce sobre elle uma acção de coordenação e controle.

2.º A interpretação dos despachos inimigos.

b) *Organização.* — O Corpo está sob as ordens de um chefe (signal officer in chief), que age de accordo com as instrucções da secção de operações do Estado-Maior-General.

Em campanha, o chefe das transmissões, em cada grande unidade, dispõe:

1.º Das companhias e batalhões de transmissões affectos á sua unidade ou que elle comande directamente;

2.º Dos chefes de transmissão das grandes unidades immediatamente subordinadas.

O Corpo dispõe, além disso:

Das companhias de construção, oompostas de um numero variavel de secções de construção (automoveis ou hippomoveis);

Das companhias radiotelegraphicas;

Das companhias de cabos;

Das companhias de exploração e conservação;

Das companhias telegraphicas de ferro-carris.

Os officiaes são reerutados em todas as armas, sendo necessarios os seguintes requisitos: Ter pelo menos 3 annos de serviço como official, ter entre 24 e 25 annos de idade, de preferencia, e ter alguns conhecimentos mathematicos.

Os candidatos são mandados por 1 anno para a escola de transmissões (School of Signals). Se satisfizerem ao exame final, passarão 4 annos em uma unidade do Corpo de transmissões como aprendizes, depois do que voltarão para seu regimento, por 3 annos pelo menos.

Depois disso, poderão pedir uma 2.ª permanencia no Corpo de transmissões, no fim da qual terão direito a uma vaga no quadro do Corpo, se houver, ou a voltar para seu regimento.

Os officiaes das pequenas unidades são mandados para a escola de transmissões, onde passam 13 semanas, voltando depois de 2 annos a um curso de repetição de 6 semanas.

O mesmo se dará com os sub-officiaes.

ORDEM GERAL DO PRESIDENTE ALVEAR

Da «Revista Militar», de Buenos Ayres, transcrevemos, com a devida venia, o seguinte documento, tão bonito na forma quanto no fundo e que bem define a elevação do seu auctor.

«Buenos-Ayres, Octubre 12 de 1922. — El Presidente de la Nación quiere hacer llegar al Ejercito y Armada su concepto sobre las misiones que les corresponden y de la forma en

que deben ser llenadas, afin de que, bien conocidas, puedan servir de norma a todos sus componentes.

El papel desempeñado en America por el pueblo argentino, como iniciador primero y como ejecutor después de la independencia de una gran parte del continente, le trazaron desde un principio la obligación de vivir en armonia con las naciones hermanas, para laborar así, bajo la égida de la paz fecunda, su propio porvenir, sin egoismo y sin aspiraciones que pudieran vulnerar el derecho de los extraños. Este amor a la paz, del cual la Nacion Argentina ha dado al mundo pruebas inequivocas, la seguridad de haber alcanzado un grado de cultura y perfeccionamiento democratico que excluye hasta la posibilidad de una alteracion de la paz interna, asi como el alto espiritu de concordia que ha de guiar a mi gobierno en las relaciones internacionales, no pueden sustraerme al deber de propender al progreso del Ejercito y Armada, dedicandoles toda la atención que se merecen, para que ellos puedan colaborar, dentro de su esfera de accion, en el perfeccionamiento de una grandeza a la que tanto contribuyeron con sus esfuerzos, con sus sacrificios y con ese espiritu de abnegacion que constituye su más gloriosa tradicion y uno de los más preciados titulos de orgullo del país.

Para que el Ejercito y Armada puedan realisar esa obra se necesita, no solo una organizacion y reglamentacion adecuadas, sino tambien la observancia de las viejas virtudes marciales, colaboracion consiente y leal, iniciativa inteligente y concurrencia de todas las voluntades en la tarea comum: el bien de la patria. — ALVEAR».

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de communicarem as mudanças de residencia, afim de se evitarem extravios da correspondencia.

ANNUNCIOS

Preços por semestre

1 pagina	100\$000
1/2 "	50\$000
1/4 "	25\$000
1/8 "	15\$000

Repetição (por semestre)

1 pagina	60\$000
1/2 "	30\$000
1/4 "	15\$000
1/8 "	7\$500

BIBLIOGRAPHIA

Revista de Medicina e Hygiene Militar.
Revista del Ejercito y de la Marina (Mexico).
Revista Militar (Lisboa).
O Brasil (Capital).
Memorial de infantaria (Toledo).
A Renovação (Perú).
Medicina Militar (Capital).
Revista Maritima Brasileira (Capital).